

**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

MICHEL FERREIRA DOS REIS

**JULIA FRANCK**: tradução de contos da escritora alemã  
e o uso de memórias de tradução



ARARAQUARA – S.P.  
2013

MICHEL FERREIRA DOS REIS

**JULIA FRANCK:** tradução de contos da escritora alemã e  
o uso de memórias de tradução

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da  
Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:**  
**Profa. Dra. Maria Cristina R. G. Evangelista**

ARARAQUARA – S.P.  
2013

Reis, Michel Ferreira dos

Julia Franck: tradução de contos da escritora alemã e o uso de memórias de tradução / Michel Ferreira dos Reis – 2013

60 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade  
de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Maria Cristina R. G. Evangelista

1. Tradução. 2. Memórias de tradução. 3. Franck, Julia.  
I. Título.

MICHEL FERREIRA DOS REIS

**JULIA FRANCK:** tradução de contos da escritora alemã e  
o uso de memórias de tradução

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da  
Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:**  
**Profa. Dra. Maria Cristina R. G. Evangelista**

Data da defesa/entrega: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina R. G. Evangelista**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-  
Araraquara

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Karin Volobuef**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-  
Araraquara

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Wilma Patricia M. Dinardo Maas**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-  
Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Valter e Ivete, que desde sempre me deram todo o carinho, apoio instrução e conselhos, fazendo com que eu acreditasse em mim mesmo e tornando-me o ser humano que sou hoje.

Ao meu irmão, Leandro, que me distraía durante os meus estudos em casa para testar minha paciência.

Aos meus amigos e amigas, que conheço de longa data e os que conheci na faculdade, os quais compartilharam e compartilham comigo tanto os bons momentos quanto os difíceis.

À minha orientadora, Maria Cristina, que me orientou durante anos e me guiou com seus conselhos, opiniões, discussões e afins, e que me fez ficar cada vez mais apaixonado pela língua alemã.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a tradução literária para o português de três contos da escritora alemã contemporânea Julia Franck. Os contos escolhidos foram “Bäuchlings”, “Zugfahrt” e “Streuselschnecke” do livro *Bauchlandung: Geschichten zum Anfassen* (2008). Neste trabalho, apresenta-se também um pequeno panorama sobre ferramentas de auxílio à tradução, dentre elas as memórias de tradução, e a sua utilização por parte dos tradutores atuantes no mercado profissional, relatando-se, ainda, sobre minha experiência como usuário iniciante destes programas e a criação de um glossário alemão-português com base nos contos traduzidos.

**Palavras-chaves:** Julia Franck. Tradução. Memórias de tradução.

## ABSTRACT

The objective of this project is to present a literary translation from three short stories of German contemporary writer Julia Franck into Portuguese. The selected short stories are “Bäuchlings”, “Zugfahrt” e “Streuselschnecke” from the book *Bauchlandung: Geschichten zum Anfassen* (2008). In this project, I present also a small overview about assisted translation tools, including the Translation Memories, and their use by some translators and my experience as a novice user of this tool and the creation of a German-Portuguese glossary based on the translated short stories.

**Keywords:** Julia Franck. Translation. Translation Memories.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1. SOBRE A AUTORA E A OBRA</b>	<b>10</b>
<b>1.1 A autora</b>	<b>10</b>
<b>1.2 A obra</b>	<b>12</b>
<b>2. TRADUÇÃO DOS CONTOS</b>	<b>13</b>
De bruços	13
Rosquinhas cobertas com farofa doce	19
Viagem de trem	20
<b>3. FERRAMENTAS DE AUXÍLIO À TRADUÇÃO</b>	<b>32</b>
<b>3.1 O uso de programas de memória de tradução</b>	<b>33</b>
<b>3.2 O Trados</b>	<b>36</b>
<b>4. A CRIAÇÃO DE <i>CORPUS</i> BILÍNGUE E DE GLOSSÁRIO</b>	<b>39</b>
<b>4.1 O alinhamento</b>	<b>40</b>
<b>4.2 A memória de tradução</b>	<b>41</b>
<b>4.3 O glossário</b>	<b>43</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>45</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>46</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO A – Glossário alemão-português a partir das dúvidas do tradutor</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

É inegável que o mundo tornou-se globalizado e conectado entre seus extremos geográficos. Com o advento da tecnologia informática e da internet, fatos ou informações sobre o que se passa do outro lado do mundo chegam aos olhos de quem está em frente a um computador em questão de segundos. A internet, com suas milhares de páginas, que só tendem a aumentar, traz informações sobre os mais variados assuntos e nas mais variadas línguas. Além disso, ajuda a divulgação do conhecimento, como pesquisas científicas e seus resultados e a literatura, dentre outros. Apesar do acesso rápido e da informação proporcionada pela internet, a literatura alemã contemporânea ainda não é muito conhecida no Brasil. Isso se deve a dois fatores principais: ao pequeno número de obras traduzidas de autores contemporâneos e, também, ao mercado editorial, que ainda dá maior destaque aos escritores clássicos alemães.

Partindo, então, dessa constatação, primeiramente o presente trabalho tem por finalidade apresentar ao leitor brasileiro a escritora alemã Julia Franck, que vem ganhando destaque na Alemanha e em outros países como EUA e Brasil. Meu interesse por essa autora foi despertado quando li no site do Instituto Goethe São Paulo um excerto da obra *Die Mittagsfrau* e também alguns comentários sobre as temáticas recorrentes na obra de Franck. No país, somente este livro, *Die Mittagsfrau*, *A mulher do meio-dia*, foi traduzido e publicado, sendo que o tradutor é Marcelo Backes.

Na segunda parte do trabalho, decidi traduzir excertos da obra de Julia Franck. Na segunda parte do trabalho, será apresentada a tradução de três contos da escritora: “Bäuchlings”, “Zugfahrt” e “Streuselschnecke”, todos pertencentes ao livro *Bauchlandung*.

Na terceira parte, serão apresentadas algumas ferramentas de auxílio à tradução, que atualmente fazem parte do trabalho do tradutor, assim como suas principais utilidades. O uso dessas ferramentas para a tradução literária, mais especificamente o uso de memórias de tradução, é um tema controverso, porque muitos tradutores acreditam que não ajudam em nada, pois a linguagem literária não é repetitiva como a terminológica. Porém alguns outros recursos, como os glossários, que podem ser criados por meio dessas ferramentas, podem fornecer um apoio considerável ao tradutor. As observações por mim realizadas ao empregar tais ferramentas no desenvolvimento do presente trabalho levam-me a sugerir o uso do glossário e a criação um *corpus* bilíngue, utilizando as traduções já realizadas.

Na quarta e última parte, apresentam-se o processo de criação da memória de tradução (TM) e do glossário elaborado durante a tradução dos três contos, com auxílio do programa *SDL Trados Studio 2011*.

## 1 SOBRE A AUTORA E A OBRA

### 1.1 A autora

Julia Franck nasceu em 1970 em Berlim Oriental, mudou-se para Berlim Ocidental em 1978 e mais tarde para o estado de Schleswig-Holstein. A escritora vem de uma família dedicada às Artes, sua mãe Anna Katharina Franck era atriz e seu pai Jürgen Schmisch era diretor de filmes<sup>1</sup>. Franck é neta da escultora Ingeborg Hunzinger (1915-2009) e trineta do pintor Philipp Franck (1860-1944). cursou Estudos Americanos Antigos, Filosofia e Germanística na Universidade Livre de Berlim.

Sua estreia literária ocorreu no ano de 1997 com o romance *Der neue Koch* [*O novo chef*<sup>2</sup>] e, por causa dele, ganhou a bolsa de estudos Alfred Döblin pela Academia de Artes no ano seguinte. Em 1999, publicou o romance *Liebediener* [*Bajulador*], o qual foi considerado pelo *Süddeutsche Zeitung* como “possivelmente a história de amor dos anos noventa” (BAUER, 1999 apud HILL, 2009, p.75). Em 2000, a escritora lança seu primeiro livro de contos *Bauchlandung: Geschichten zum Anfassen* [*Pouso de barriga: histórias para tocar*]. Com o último conto do livro, “Mir nichts, dir nichts”, a autora recebe o prêmio *3sat* da cidade de Klagenfurt. Em 2003, é lançado o romance *Lagerfeuer* [*Fogueira*], que tem como fonte de inspiração as suas experiências no campo de refugiados de Marienfelde em Berlim Ocidental, onde ela viveu nove meses com sua família, após deixar a Alemanha Oriental. O livro conta a história de três mulheres que percebem aos poucos que o país dos sonhos não existe. Esse romance rendeu a Franck o prêmio Marie Luise Kaschnitz em 2004.

Nessa mesma época, a autora já vinha ganhando destaque, visto que em 1999, o jornalista, crítico literário e escritor Volker Hage escreveu um artigo no jornal *Der Spiegel* retratando as jovens escritoras alemãs e agrupando-as num fenômeno chamado “*Fräuleinwunder*”. Hage dizia que “As jovens autoras escrevem sobre o erótico e o amor [...] de maneira sóbria e sem ilusões.”<sup>3</sup> Essa afirmação deu destaque a muitas

<sup>1</sup> Retirado de <<http://www.munzinger.de/search/portrait/julia+franck/0/24686.html>>. Acesso em: 15 novembro 2013. De modo geral, a biografia da autora se mostra meio obscura, visto que se pode encontrar poucas informações, tanto no site da autora, como em outros especializados em literatura. Por esse motivo, os dados aqui apresentados foram coletados no próprio site da autora e em mais alguns sites encontrados na Internet.

<sup>2</sup> A tradução do título dos livros é livre, pois só *Die Mittagsfrau* tem um título oficial em português que é *A mulher do meio-dia*.

<sup>3</sup> Tradução livre. Original: “Über Erotik und Liebe, [ ... ] schreiben die jungen Autorinnen allesamt nüchtern und ohne Illusionen.” (HILL, 2008, p. 223.)

escritoras novas, mas não foi bem vista por Julia Franck. O jornal *Die Welt* convidou-a para escrever sobre as novas escritoras alemãs, o que culminou em seu ensaio “*Das Wunder Frau*”. Nesse ensaio, Franck “condena a categoria de ‘*Fräuleinwunder*’ como um rótulo de marketing potencialmente prejudicial e sexista”<sup>4</sup>. Porém, os editores negaram-se a publicá-lo, porque o acharam demasiado feminista.

Polêmicas à parte, é lançado em 2007 o quarto romance da autora *Die Mittagsfrau* [A mulher do meio-dia] que retrata a história de uma família entre as duas guerras mundiais. O início da história apresenta um menino abandonado por sua mãe em uma estação de trem em 1945, o que remete à vida do pai de Franck, que também fora abandonado. Esse livro rendeu-lhe o prêmio de Livro Alemão do Ano (2007), o reconhecimento em muitos países e a tradução para mais de 33 línguas, inclusive para o português, sendo sua única obra traduzida no Brasil como apontei anteriormente.

O último livro publicado pela autora foi o romance *Rücken an Rücken* (2011).

A obra de Franck ainda é pequena e vista por muitos como simples e seus livros classificados como puramente *best-sellers*. Porém alguns pesquisadores têm se dedicado a estudar sua obra. Dentre eles, Alexandra Merley Hill, que publicou o artigo “Female Sobriety’: *Feminism, Motherhood, and the Works of Julia Franck*” no qual discorre sobre o feminismo na obra e vida da escritora, além de fazer um questionamento sobre o termo “*Fräuleinwunder*”. Hill defendeu sua dissertação para a obtenção do título de Doutora em Filosofia com “*Maternal drag: identity, motherhood, and performativity in the works of Julia Franck*” na Universidade de Amherst de Massachusetts.

Katharina Gerstenberger, que é professora da Universidade de Utah (USA) e possui a cadeira de Língua e Literatura na mesma instituição, publicou o artigo “*Play Zones: The Erotics of the New Berlin*” (2003). Nesse artigo, Gerstenberger aponta algumas escritoras alemãs pós-unificação de Berlim, num movimento que ela que chama de Nova Berlim, considerando a temática recorrente em seus textos como a temática erótica e o sexo. A pesquisadora considera Berlim como “um lugar onde as pessoas buscam sexo”, e isso pode ser visto nas obras publicadas nos anos de 1990. O romance *Liebediener*, de Franck, é citado entre vários livros que contém a temática. Apesar da citação, o objetivo do artigo não é estudar unicamente essa obra, mas contextualizar a produção de livros de autoras femininas que abordam o erótico e o sexo e o modo como se dão essas manifestações escritas.

---

<sup>4</sup> “[...]that condemns the literary category of the *Fräuleinwunder* as a sexist and potentially damaging marketing label[...].” (HILL, 2008, p. 2010 )

Percebe-se uma mudança do pensamento quanto à obra de Julia Franck. Os textos considerados *best-sellers* e analisados superficialmente e com certo preconceito, aos poucos passam a ser estudados por acadêmicos, seja no âmbito da Literatura ou dos Estudos Culturais.

## 1.2 A obra

*Bauchlandung: Geschichten zum Anfassen*, publicado em 2000, contém 8 contos, dos quais o último “Mir nichts, dir nichts” recebeu o prêmio 3sat. O título do livro é bem sugestivo, *Pouso de barriga: histórias para tocar* (em uma livre tradução), e indica a presença de temas ligados às sensações físicas e à sensualidade nas narrativas.

A escolha desse livro para a tradução se deu primeiramente pela temática e segundo pela extensão dos textos, pois assim seria possível traduzir a narrativa inteira e não uma parte, o que poderia acontecer com um romance ou novela.

Os contos escolhidos foram “Bäuchlings”, “Zugfahrt” e “Streuselschnecke”. “Bäuchlings” narra basicamente a história de uma jovem que mantém relacionamentos afetivos com rapazes, e ao mesmo, indica sentir desejo sexual por sua irmã. Em “Streuselschnecke”, a história também é de afeto, no caso, entre pai e filha que não se conheciam. Especialmente, esse conto tem um cunho autobiográfico, uma vez que Julia Franck mudou para Berlim Ocidental com a mãe e as irmãs, sem a companhia do pai, que faleceu ainda jovem, vítima de um tumor no cérebro. E por fim, “Zugfahrt” conta a história de uma mulher que se vê obrigada a viajar para outro país por causa do casamento de sua amiga. A narrativa se passa totalmente no trem.

A seguir, são apresentadas as traduções dos contos.

## 2 TRADUÇÃO DOS CONTOS

### De braços

Eu me ajoelho sobre o parquete em frente ao sofá e observo Luise enquanto ela dorme. Dorme até passar a bebedeira de seu aniversário. Lá fora, a praça da Igreja de São sem movimento, ouço pouco também da alameda Castanhas. No sono, Luise faz barulho com os lábios, muito baixo, quase inaudível. Passo a mão sobre a barra áspera do lenço de chifon que está em torno do pescoço, cheiro Luise, seu cheiro familiar que me lembra a grama recém-cortada, tiro o cacho louro-avermelhado da dobra que se formou no pescoço, e procuro a pele lisa de sua face – se já em estado relaxado, uma pista de suas covinhas pode ser revelada? –, sua pele é coberta de sardas claras. Eu amo Luise. E outra coisa: ela é minha irmã.

A campainha toca, ela não se mexe. Quando me levanto, a madeira range sob meus pés descalços. Sobre o encosto do sofá está pendurado o bustiê preto, pego-o, o odor morno sobe ao meu nariz, eu o visto. Meus seios têm espaço nos bojos, ao caminhar eles batem no couro. Lá fora, no corredor, calço os sapatos: sapatos leves e antiquados com saltos que são barulhentos e arranham o piso, aperto o botão para abrir a porta da entrada vou para a cozinha, onde meu vestido está pendurado sobre a cadeira. Eu o visto e observo que as alças compridas do vestido podem mostrar muito do bustiê, mas é muito tarde para procurar outra coisa. Permaneço em pé atrás da porta entreaberta e espio na escadaria, até ouvir passos no último degrau. Abro a porta.

“O que você está fazendo aqui?”, pergunto a Olek, eu bem que gostaria de dizer: Ela ainda não está recebendo visitas.

“Luise”, ele diz apressadamente, gostaria de ver Luise, passa a mão em seus cabelos curtos e empastados, deixo-o entrar e seu braço nu toca no meu.

“Ela está dormindo ainda”, digo e me apoio no batente da porta da cozinha.

“Então, acorde-a, é importante, preciso vê-la.”

“E por que, então, você não estava aqui ontem?”

“No aniversário dela? Ela me desconvidou.” Olek gostaria de passar por mim, procuro o toque acidental, mas ele se desvia e entra na cozinha. O colarinho de sua camiseta está meio sujo, o sol avermelhou a sua nuca. Fecho a porta do apartamento. Seu olhar voa pelos copos usados que estão por toda a parte nos peitoris das janelas e nas estantes. Ele se vira para mim, a agitação em seus olhos diverte-me, tenho que

pensar nos outros dois amantes que estavam ontem entre os convidados e que adoçaram a noite de Luise, antes de irem embora um após o outro.

“O que é que está te agitando tanto?”, pergunto com leve deboche.

“O cachorro, ele foi atropelado.” Olek não me olha, lembro-me que Luise confiou-lhe seu cão por poucos dias para que os convidados do aniversário não fossem incomodados. Olek aperta suas mãos e vejo as veias saltarem em seus antebraços.

“Espere aqui, vou acordá-la.”

Vou até Luise na sala. A janela se fecha, tinha-a aberto há pouco para o ar noturno sair e para deixar o dia entrar.

Ela está deitada de bruços no sofá, os cachos caem sobre o braço do sofá até o piso e seu braço esquerdo está caído também. Ela vira a cabeça para o lado e a coloca sobre o braço direito. Os cabelinhos no pescoço brilham contra a luz, o chiffon azul e transparente constrói uma dobra na parte mais baixa das costas, seu bumbum branco revela uma curva embaixo do tecido.

“Luise”, sussurro, ela não se move. Ajoelho-me novamente diante do sofá, penso no cão machucado, ou morto, e em como poderia poupá-la dessa notícia. Ela gostava de seu cão, totalmente o contrário de mim que frequentemente tinha desejado que ele estivesse morto e eu, sozinha com Luise. Lembro-me de quando éramos mais jovens, eu talvez com quinze anos e Luise, dezessete, e como ela alimentava o jovem cão com pedacinhos de cordeiro grelhado, dos quais eu também gostava muito. Tinha implorado que ela me desse só um pedacinho, um pequenino, um minúsculo pedacinho, e ela se virou para mim: “venha, irmãzinha, doce irmã, venha”, Luise me atraía. Ela ria e eu mal abri a boca – já sentia a suculenta carne na língua -, ela empurrou profundamente o garfo na minha garganta. Eu chorei alto, Luise ria.

Curvo-me com a cabeça abaixada, quase até o chão, lá, onde sua mão está, e cheiro seu pulso, de tal modo que os poros se contraem em minha boca e a saliva se acumula, preciso engolir e passeio com meu nariz para cima até a dobra do braço, lá exala seu suor de garota e, talvez, a saliva de Hans, o segundo amante de ontem, após os beijos dele.

“Luise”, sussurro novamente, com isso meus lábios roçam sem querer a dobra de seu braço, assim ela se espreguiça e expira uma vez rapidamente e abre um olho, olha-me, inspira, as pálpebras se fecham e novamente se abrem.

“O quê?”, pergunta, se vira de lado, de modo que seus seios se viram de frente para mim, ela também sussurra, como se tivesse me escutado, escutado que sussurrei, e agora também sussurra como se tivéssemos um segredo.

“Lá fora está Olek”.

“Ele?” Luise sorri, pisca e boceja mantendo educadamente a mão em frente a boca, enquanto deixa a mão abaixar, posso ver como empurra a ponta da língua contra os dentes, então, lambe o lábio superior e pergunta: “O que ele quer?”

Seu mamilo ressaltava-se debaixo do chiffon, cheiro seu bustiê de couro através do decote de meu vestido e confiro indecisa com a cabeça: “Falar contigo, suponho.”

“Falar?”, sorri novamente, e vejo suas covinhas. “Não quero falar, diga isso a ele, não, diga a ele que não posso, estou mal, mal, mal, muito mal, não quero vê-lo.” Agora, ela ri de tal modo que temo que Olek pudesse ouvi-la, “Sem vontade”- ela quase renuncia ao sussurro. Ela está deitada de costas e acaricia seu peito com uma mão, sorri para mim, em seguida, Luise me vira a bunda. A camisa deslizou para cima e consigo vê-las: as circulares colinas brancas que são separadas pela calcinha de seda. Ela parece saber que seus olhares me seduzem e acompanha sobre o ombro, como sigo cada um de seus movimentos e como até agora resisto a cada olhar.

Abandono a sala e retorno à cozinha. Olek está encostado no parapeito da janela e aperta suas mãos e espera.

“Ela não pode”, digo e endireito a alça do vestido que frequentemente cai, porque meus ombros não são da mesma altura. Ele, interrogativo, olha para mim, sorrio, sempre sorrio quando tenho a intenção de mentir. No entanto, digo: “Ela está se sentindo doente, tem dor de cabeça – ressaca...” Olek continua me olhando interrogativo, como se ele considerasse a possibilidade de acreditar ser superior a mim. Ele desencosta do parapeito da janela e dá um passo em minha direção. Receio que ele queira ir até ela, coloco-me contra a porta da cozinha, empurro-a com a bunda, assim ela se fecha. Ele não deve ir até ela e dissipar o sorriso da face dela, isso eu não poderia suportar. Ele vem até mim, fica muito próximo, na minha frente e apoia uma mão no batente da porta, próxima a mim, seu rosto junto ao meu, sua respiração agitada, a artéria que pulsa sob a pele no pescoço, a outra mão se move, some provavelmente no bolso da calça, não ousa abaixar minha cabeça, sua proximidade me desperta um desejo, eu não gostaria de perder seu rosto de vista. “Você contou pra ela?”, ele ofega. Fecho os olhos por um momento para poupar-me de acenar com a cabeça confirmando ou qualquer gesto saliente. “Você não está mentindo?”, continua perguntando. Novamente

fecho os olhos. Sinto sua voz no meu rosto, um vento, suave, que me acaricia e me caça. Ele olha diretamente nos meus olhos, e eu que não gostaria de lhe mostrar perturbação, vejo através dos seus, profundamente, procuro por um apoio atrás de seus olhos, até que eu o tenha, e muito perto de sua orelha que poderia morder, ou afundar minha língua na concha só, se eu quisesse, e Luise longe demais, ao lado. Ele larga o batente da porta, dá um passo para trás e me dá as costas.

“Luise está sozinha?”, pergunta. Sua voz escapa.

Dou uma gargalhada grande demais para uma pergunta assim: “Claro que ela está sozinha.”

“Doente?”

“Isso é importante?”

Ele não reage, não percebeu nada. Meu olhar está firme novamente, também me vem um sorriso.

“Você gostaria de beber alguma coisa?”, pergunto.

“Vocês têm gelo?”

Respondo indo até a geladeira, pego cubos de gelo, coloco três em seu copo e acrescento água. Ele encosta-se na janela e não me olha mais, em vez disso, observa os cubos de gelo que se quebram silenciosamente na água morna. Ele poderia pegar um cubo entre os lábios, como se conhece assim dos filmes, porém não faz isso, mas sim põe o copo no peitoril da janela, olha para baixo, em mim, nas minhas pernas nuas, e pergunta: “Você está usando algo por baixo do vestido?”

Involuntariamente, tenho que olhar para baixo, pras pernas nuas que brilham, os pés nus nos sapatos de Luise. O vestido deve ser transparente? Penso: o que lhe passa pela mente? E: Luise está se divertindo com um cara assim? Luise? E ela? Ela usa algo sob seus vestidos? E se ela se encontrar com ele e se sentar para conversar, na mesa da cozinha, dobrar uma perna e puxar o pé em sua direção, colocando sobre a cadeira, como ela faz frequentemente – o que ele vê então, suas coxas, como elas reluzem, a pele lisa, seu curto cabelo vermelho-alaranjado que forma cachos embaixo do vestido, talvez ainda mais profundamente, lá, onde fica rosa e mais escuro?

E suas mãos que estão inocentes sobre a mesa e perna, os ombros, nus e sobre tudo isso os cachos vermelhos que também caem sobre seus seios e até a barriga, e sob tudo isso, sua pele despida. “O quê?” Olek me pergunta. Ele a vê assim?

Ergo a cabeça, quero dizer nem sim nem não. Minha boca está seca. Vou até pia, abro a torneira e bebo. “E você?”, pergunto, quando ergo a cabeça, fecho a torneira e

enxugo a água do rosto com a mão – sinto meus lábios lisos, eles estão levemente inchados por causa do calor do meio-dia – a parte entre o nariz e boca treme involuntariamente. De tal maneira que empurro um pouco para frente o lábio superior para falar. “Você veste alguma coisa embaixo?”

Olek vem até mim na pia, se posiciona tão rente atrás de mim que não posso mais me virar para ele, e coloca sua mão aberta sobre meus quadris, a mão pressiona o tecido fino sobre minha pele, nas minhas costas se forma um fino suor, sua mão não solta, ele não diz nada, penso em Luise que dorme ao lado, e penso também em seus seios que estavam no mesmo bojo como estão os meus agora, cheiro Luise através do meu decote, sinto como ele empurra sua mão quase imperceptivelmente para frente sobre a pelve e de novo para trás, sinto o calor de seu corpo através do meu vestido quando as mãos dele abraçam a parte baixa de minhas costas – isso é sua respiração no meu pescoço? Ele quer dizer algo? Sua respiração no meu ombro. Ouço o tecido que roça entre nós - e o calor dele, calor úmido, irradia, faz cócegas na barriga, de modo que se contrai a pele na região púbica, os seios tocam no bustiê, contra o vestido. Não posso me virar. Sua mão não cede. Talvez os quadris de Luise sejam maiores, são com certeza mais macios – e seu cabelo vermelho cheira diferente do meu cabelo preto. Minha púbis pressiona fortemente contra a beirada metálica da pia, resisto a isso. Imagino-o atrás de Luise, como sua outra mão segue a seda entre suas nádegas, desliza para baixo, insere-se fortemente entre suas coxas, como ele pressiona o corpo ao dela, molha seus dedos nela e como ele sobe o vestido dela e a fode, enquanto os peitos dela estão sobre a pia ou saltam sobre o bustiê – sorrio, sinto sua respiração, paro a minha -, e vejo os cachos dela nas mãos dele, os cachos que de repente são pretos e meus e que prendem as mãos dele, e seu pênis, que o puxam para dentro de mim. Eu o aperto firmemente, solto e o aperto mais intensamente, então sinto a boca dele no contorno do cabelo atrás de minha orelha, ele ainda está atrás de mim. Sua mão no meu quadril torna-se insuportável, essa mão, a que constitui o único contato que tudo traz e tudo para. Expiro e, nisso, me ouço baixinho, estremeço, sinto algo dentro das minhas coxas, como se algo escorresse ao longo delas, aperto a perna esquerda junto à direita, pressiono as coxas uma na outra, com isso deslizo um pouco para o lado onde o metal da pia ainda está frio. “Não”, ele diz, “eu não”, e o sinto rapidamente, a sua excitação, apenas brevemente, que procura minha bunda quando escuto a porta da cozinha – eu sei que ele está nu sob a calça – e olho para o lado, vejo Luise que está diante de nós e pisca seus olhos, percebo como ele toca casualmente sobre meus quadris, e os solta e repete: “Eu não, eu não acredito em

“você – e veja, aqui está Luise sim”, ele suspira, e não sei se é por causa de Luise, de mim ou do cachorro, ele se dirige a Luise, ainda permaneço um instante em pé, imóvel, retiro meu cabelo do rosto com uma mão, puxo meu vestido para trás.

“Você ainda está aqui?”, ela pergunta a Olek, sem esconder sua irritação.

“Eu queria ir agora, mas tenho que te dizer algo.”

“Bom”, ela segura a porta para ele, eles saem para o corredor, trocam palavras. O tom dele fica implorante e de quem pede desculpas, e o dela, ausente e rude. Escuto o que ela diz: “Agora, me deixe sozinha, preciso chorar um pouco” e a porta é fechada. Mas ela não chora. Luise coloca sua cabeça para dentro da porta da cozinha e pergunta: “Você vem? Enchi uma banheira para nós.” Eu poderia segui-la – ver como ela deixa cair sua camisa azul no corredor e como desaparece no banho. Ela se senta na água quente que avermelha rapidamente a sua pele, os bicos dos peitos se enrugam, tornam-se menores e mais firmes. Então, levanta-se e resolve: “Venha, abro o zíper para você.” Dou-lhe as costas e ela puxa o zíper para baixo, além do necessário, sinto seus dedos na minha coluna, o vestido cai nos azulejos.

### **Rosquinhas cobertas com farofa doce**

O telefonema veio quando eu tinha catorze anos. Já fazia um ano que não morava mais com minha mãe e minhas irmãs, mas sim com amigos em Berlim. Uma voz desconhecida manifestou-se, o homem deu seu nome, disse-me que morava em Berlim e perguntou se eu queria conhecê-lo. Hesitei, não tinha certeza. Na verdade, tinha ouvido muito sobre tais encontros e frequentemente imaginado como tal coisa seria, mas quando aconteceu o que senti mesmo foi desconforto. Combinamos de nos encontrar. Ele vestia jeans, jaqueta e calça. Tinha me maquiado. Ele me levou ao Café Richter na praça Hindemith, e fomos ao cinema, um filme de Rohmer. Ele não era antipático, na verdade, era tímido. Levou-me ao restaurante e me apresentou a seus amigos. Um belo, irônico sorriso foi compartilhado por ele e as outras pessoas. Senti o que revelava o sorriso. Algumas vezes tinha permissão para visitá-lo em seu trabalho. Ele escrevia roteiros e dirigia filmes. Eu me perguntei se ele me daria dinheiro quando nos encontrássemos, mas não me deu nenhum e não me atrevi, pois mal o conhecia, o que eu deveria exigir então? Além disso, eu podia cuidar de mim mesma, ia à escola e fazia faxina e trabalhava como babá. Em breve, teria idade suficiente para trabalhar como garçonne, e talvez, um dia me tornasse alguém. Dois anos mais tarde, o homem e eu éramos ainda um pouco estranhos, ele disse que estava doente. Agonizou durante um ano, visitei-o no hospital e perguntei o que queria. Ele me disse que tinha medo da morte e queria deixar isso para trás o mais rápido possível. Perguntou-me se eu poderia arranjar-lhe morfina. Pensei: tinha alguns amigos que usavam drogas, mas nenhum era especialista em morfina. Eu também não tinha certeza, se o pessoal do hospital queria e conseguiria descobrir de onde ela veio. Esqueci seu pedido. Às vezes, levava-lhe flores. Ele perguntou sobre a morfina e eu lhe perguntei se queria bolo, pois sabia como gostava de comer torta. Ele disse que as coisas simples eram agora as suas preferidas - queria só rosquinhas cobertas com farofa doce, só isso. Fui para casa e asseí as roscas, duas formas cheias. Elas ainda estavam quentes quando as levei ao hospital. Ele disse que gostaria de ter morado comigo, pelo menos, de ter tentado, sempre pensou que ainda daria tempo, um dia - mas agora era tarde demais. Pouco depois do meu aniversário de 17 anos, ele estava morto. Minha irmã mais nova veio para Berlim, fomos juntas ao enterro. Minha mãe não veio. Eu suponho que ela estava atarefada com outras coisas, além disso, ela tinha conhecido tão pouco meu pai e não o tinha amado.

## Viagem de trem

Não gosto de casamentos. Eles me dão a impressão de que eu deveria me sentir sobrando. Gosto menos ainda do casamento da minha amiga. Junto com ela ia à escola. Há dois anos ela foi para a Itália, apaixonou-se e, hoje, é a mulher de um italiano e eu sou sua amiga de infância da Alemanha.

Seu casamento não só me deixou sobrando, como também me tornou mais velha e alemã. Mas vou para lá. Arrumo as coisas, ainda não comprei uma mala, coloco meu vestido azul na mochila, meu único, pois vestidos são caros e antes que eu pudesse comprar um novo, comprava uma garrafa de champanhe e uma minúscula latinha de caviar ou adquiria uma nova *As aventuras de Tintim* e levava meus sapatos para o sapateiro, duas vezes fui comer fora. O vestido azul amassará. Então, vou ao banheiro e despejo o conteúdo da lata prata em um saco. Tenho muitos lápis de maquiagem. Isso vem de antigamente, sempre que ia a uma loja, sentia um tipo de impulso para roubar – não podia sair de nenhuma loja sem levar alguma coisa. Os lápis de maquiagem se ofereciam: eles são pequenos e possuem, pelo menos em princípio, certa chance de uso. Como doces, eles prestam para o consumo. Enquanto continuava roubando doces e ainda na volta para casa colocava na boca, esquecia com frequência os lápis de maquiagem no bolso da minha jaqueta.

Não me agradava muito ficar em pé diante do espelho. Na maioria das vezes não me achava só gorda e feia, isso já sabia e também esperava, mas acima de tudo me sentia ridícula, quando olhava para mim mesma, apesar de saber isso. Então, me perguntava por que deveria ainda pintar tal feiúra – ela seria, então, mais suportável? E com isso frequentemente tinha terminado o assunto, antes que se desenvolvesse. Depois, podia abrir meu diário e cair em autocrítica. Quando já tinha terminado isso, ligava para minha amiga e passava na casa dela. Nós ficávamos sentadas à toa durante um tempo, pensávamos no que tinha para fazer, então íamos ao quiosque, roubávamos cigarros e fumávamos, isso também resultou numa nova imagem. Nós já éramos adultas.

Os lápis de maquiagem iam um após o outro para dentro da lata prata. Porque não gosto de jogar coisas fora, sobretudo, quando são quase novas, uma grande quantidade de lápis se acumulou. Em ocasiões especiais, como esta, acho então que poderia usá-los finalmente.

Mochila nas costas, vou de metrô para a estação ferroviária, desço, compro para mim um jornal e sento-me na plataforma. Como ainda tenho algum tempo, vou à máquina de foto-automática, pego um batom e pinto meus lábios.

O trem vem, embarco. Tenho um *ticket* numerado, porque o pai de minha amiga não deixou de preparar o casamento de sua única filha até o menor detalhe. Hoje, não roubo mais doces e lápis de maquiagem, não os compro também, tornei-me ajuizada e também não fumo mais. Quando quero pecar, permito-me um jornal.

À esquerda do espaço entre o assento e a parede passa um vento frio. Cruzo minhas pernas, o jornal em cima, e olho pela janela: postes telefônicos, casas com sacadas e crianças e floreiras. Deito minha cabeça de lado contra o apoio, que é um pouco alto demais para mim, e ponho a jaqueta na nuca.

Chia, e o trem freia, freia repetidamente, corre de novo, por fim corre só mais um pouco, ao meu lado curvam-se os trilhos e reluzem amarelos no sol de tempestade, que rompe pelas nuvens cinzentas, no meio das casas surge uma pequena plataforma, uma segunda e uma terceira, elas ficam mais largas, a primeira já passou, a segunda fica ainda mais larga, um banco, mais larga, uma placa mais larga, com nomes dos lugares, larga, e relógio, redondo, pessoas com bagagem, que esperam, outras que acenam, descobriram seus queridos no trem que está chegando, uma mulher com cabelo longo corre ao meu lado, seu cabelo atrás dela, ela é quase tão rápida quanto o trem, ela ri, deve ser o vento que a arrasta assim.

Sacolejando, meu trem para, escuto os avisos vindos dos alto-falantes, o trem está um pouco atrasado. O telhado da estação é de vidro, uma luz opaca cai através do vidro e faz as pessoas parecerem cinzentas e as cores sem brilho. Vejo a mulher rindo, ela cai nos braços de um homem mais velho, beija-o, pode ser seu pai, ou seu amado.

Quando o pai de minha amiga, que deve se casar em Pozzuoli, perguntou por que não pego o avião, “pois é quase mais barato” e, além disso, ele pagaria a ida para o casamento, disse-lhe que teria medo de voar. Isso era mentira. As razões para viajar de trem são outras. De uma maneira diferente e mais duradoura, aproveito ter tempo sem espaço. Sem espaço, nem aqui, nem lá, mas apesar disso tenho tempo, posso fazer nada sem ser observada, posso correr de cá para lá sempre que quiser, e não me sinto como no avião, no qual na hora do serviço de bordo se forma um tumulto involuntário e meu garfo acaba chegando mais na boca do vizinho do que na minha própria.

Não, prefiro o trem a aquele aperto. Consigo ver casas e sacadas, floreiras e crianças, e um céu que toca o final dos prados quando estes passam por ele. E se eu for

bem exata, há ainda um motivo que não me dei ao trabalho de nomear até aqui: conhecidos de viagem, pelos quais secretamente espero a cada viagem. No avião só duas pessoas sentam ao seu lado, e isso tão perto que você não pode olhá-las, no trem são mais e o espaço oferece, pelo menos à primeira vista, o tamanho exato. É ruim quando estou sozinha durante a viagem de trem inteira, logo tenho a impressão de que teria faltado alguma coisa, como se a viagem tivesse sido inútil, então, me ocorre novamente tudo o que eu deveria ter trabalhado e me irrita com minha preguiça.

Sou supersticiosa, não totalmente, não tão forte como quando criança, mas um pouco ainda. A superstição me impede de fazer um retrato. Ascendência, orelhas e cor do cabelo devem ser indiferentes nesse momento de expectativa. Se tivesse uma ideia exata, ela não se cumpriria. Essas são as regras da minha superstição. Quero encontrar uma pessoa que possa amar. A coisa tem um obstáculo: se eu não posso amar uma que eu encontrar, então a aversão parece-me a única possibilidade. Desta vez parece que vai ser assim também.

O homem, que com muito esforço e por isso ofega e fala impaciente consigo mesmo, empurra a porta e ensaia arrastar um volume de bagagem disforme e uma grande mala junto de si para a cabine do trem, ele está com chapéu na cabeça, o qual, quando escorrega pelos ombros no empurra-empurra, desnuda uma cabeça quase careca, da qual só algumas mechas de cabelos estão em pé no ar. Suspeito na hora, por que os cabelos são tão longos na área da testa. Penso, pois já sei há muito como anda meu anseio por amor, que não precisarei odiá-lo imediatamente. Quero ver.

Ele agarra suas duas malas uma atrás da outra com suas grandes mãos ossudas e coloca-as no bagageiro, depois tira sua jaqueta e a pendura no gancho.

“Permite-me sentar em frente à senhora?” ele pergunta, respira pesadamente, sorri e logo está sentado. Depois disso, inclino calada a cabeça. Ele cheira a um sabão em pó que arde desagradavelmente em meu nariz, e além disso, ele usou ainda uma água de colônia ou algo parecido que cheira completamente a banheiro e menos a água. Penso na espuma azul, sabão em pó que espuma na pia quando a água sai da lava-louça. O cheiro que o envolve aproxima-o e torna-o estranhamente limpo e inumano. Os sapatos são pretos, monótonos, como a maioria dos sapatos masculinos, sem nenhuma costura, solas de borracha, elas não dizem nada sobre o sapato, nem sobre quem os calça. Acima deles estão meias cinzas em torno de tornozelos finos e uma calça preta assentada na perna, eu quase teria chutado jeans com vinco, mas é na verdade um outro tecido grosso, os braços pendem frouxamente do corpo, ele os colocou sobre as coxas.

Deixando as calças de lado, olho o homem nos olhos, suas pupilas se contraem, olha por cima da lente de seus óculos, olha, a pupila esquerda palpita por cima dos óculos, ele sorri de novo e põe as mãos sobre o sexo. Não tenho motivo para corresponder ao seu sorriso e por isso olho pela janela: duas meninas riem e acenam, não para mim, vozes dos alto-falantes, talvez ele creia que sou orgulhosa, o fechar das portas, para mim isso tanto faz, o trem parte, seu sabão cheira desagradavelmente.

Ele deve tirar seus pés lá de baixo, está no meu caminho, tenho cuidado para não tocá-lo por engano. Ele deve ter entendido errado meu desvio, noto de canto de olho como ele toca seu cabelo com ambas as mãos, como ele o pressiona contra a cabeça, depois se levanta e coloca a mão no bolso interno de sua jaqueta. Tira um objeto comprido. Observo-o no vidro da janela. Ele se certifica de que estou olhando pela janela, e curva suas costas estranhamente para frente para pentear, diante do espelho estreito sobre os assentos, os cabelos que se tornam grisalhos, cuidadoso, fio por fio, como deve ser. As longas mechas finas da frente estão sobre a careca, quando me é permitido vê-lo novamente. Bem penteado? Só penso isso. Ele ensaia seu sorriso, sorri por cima das lentes estreitas e desta vez não posso agir diferente, retribuo o sorriso, porque o acho engraçado – mais ainda sua vaidade do que ele.

Ele põe as mãos de novo sobre o sexo e olha também um pouco pela janela. Observo pelo reflexo do vidro e me sinto ao mesmo tempo observada, desse modo, abro o jornal no meu colo e leio. Seu cheiro me incomoda. É o casamento da minha amiga, para o qual me dirijo, é o casamento no qual não me caso. Alivia-me que ela faça isso, porque nunca quis me casar. Talvez você gostaria de trazer seu namorado junto? perguntara-me o pai da minha amiga. Eu hesitara, teria trazido com muito prazer um amigo ou uma amiga, só ele, o meu namorado, esse não existia no momento. E era vergonhoso para mim chegar ao pai orgulhoso da noiva com uma insignificância dessas, então disse: não, agora não me ocorre ninguém. Com isso, a coisa estava em ordem, pois o pai é discreto. Na verdade, gostaria de confidenciar a alguém que tenho namorado. Mas ninguém sabe. E ninguém deve saber também. O homem tem uma esposa que é muito amável, e a qual não gostaria de magoar. Enquanto ela não souber nada sobre mim, disse ele, nada a magoará. Por isso, somos bons amigos na companhia dela e de outras, somente às escondidas somos ‘melhores amigos’.

“De onde a senhora vem?” Pergunta o homem em frente. Minha vontade de uma conversa com ele dissipa-se num abismo, entretanto digo: “daqui.” Ficamos calados, não lhe pergunto de volta, por fim sei também onde ele embarcou. Viro as páginas do

jornal. “E, o que há de novo no mundo?” não desiste de falar comigo. Não quero falar com ele, ele não me agrada, não corresponde por motivos diferentes à minha ideia de um relacionamento de viagem. Na verdade, não tenho a ideia exata, como mencionado há pouco, mas alguém assim como ele não deve ser com certeza. No rosto, sua pele está tensa e vermelha, o restante está pálido, a postura encolhida, os braços apertam-se rente ao corpo. Sua respiração surda bate contra mim, mudo sem querer a direção de meu nariz. Ele se inclina um pouco para frente, como se quisesse me ajudar a ler o que há no jornal. Eu digo: “ah, sempre o mesmo, não se paga corretamente os impostos de bebidas e cigarros, o senhor sabia disso?”

“Aha”, ele se encosta de novo e olha pela janela. Para mim é como se ele me obrigasse com isso a continuar lendo o jornal. Se eu não o fizesse, assim ele interpretaria minha leitura como dissimulação ou pretexto. Ambos não me agradariam.

Após poucos minutos, ele se levanta de novo. Pega da maleta disforme uma pequenina mala de couro. Ele a põe sobre seus joelhos, abre-a e faz barulho com papel, fecha de novo a malinha, e ainda antes de eu vê-la, sinto o cheiro de seu pão com patê de fígado<sup>5</sup>. Ele o come, provo com ele, sobretudo os pedaços brancos, cartilagem, e percebo como os pelinhos finos de minha pele reagem diante de tal aversão e colocam meu pulôver diante de mim como um escudo como se quisessem impedir que seu cheiro novo me apanhasse.

Ao terminar de comer, amassa o papel e abre a lixeira, exala todo tipo de podridão, o papel desaparece. Ele dá uma pequena pancada na tampinha com a ponta de seu dedo indicador de modo que ela fecha. Ele se levanta novamente. Meu jornal não é suficientemente interessante, não me conformo com sua presença.

Seu pescoço, totalmente próximo, mostra certa idade. Entre os poros rosas, onde a base do cabelo está cortada, distinguem-se pontinhos brancos, cartilagem, gordura que nasce com o passar dos anos. Os vermes terão um banquete nele. Ele se vira e me estende sua mão na qual há um pão com patê de fígado. “A senhora gostaria?”

Meu pescoço se aperta, não só o pão e o patê, mas também a grande mão, em que ambos estão, provocam minha náusea. Com certeza, cheira a um misto de água de colônia e patê de fígado.

A porta se abre. Um homem, lá pelo começo dos 30 anos, entra com uma criança no braço. Ele coloca o pequeno menino no assento próximo a porta. “Já tenho cinco

---

<sup>5</sup> *Leberwurst* é um embutido de fígado, apresentado ou de forma cremosa, como um patê, ou um pouco mais consistente, que pode então ser cortado.

anos”, informa o menino, ninguém lhe responde. O homem pressiona uma bolsa entre a maleta do 'Nuca'<sup>6</sup> e diz ao menino: sente-se. O menino se senta. “E logo terei seis”, diz o menino e balança as pernas, fixa o olhar no 'Nuca', que não se digna a olhá-lo. O companheiro do menino toma lugar à sua frente.

“A senhora gostaria?”, mantendo ainda a mão com pão e patê diante do meu nariz.

“Não, obrigada, já comi.” Digo e aproveito a oportunidade para colocar o jornal de lado, assentos marrons, pernas de crianças balançam, já comi, desvio o olhar, cartilagem, gordura também sob a minha pele e a da criança. O 'Nuca' se senta e morde o segundo pão com patê.

Minha amiga, que deve se casar em Pozzuoli, escreveu-me uma única carta. Ela chegou há cerca de três meses, ou seja, pouco antes que a data do casamento estivesse definida de vez. Ela escreveu: Como de costume, no começo trepávamos cinco vezes ao dia, pois é assim que um italiano chega à sua fama, hoje, comemos cinco vezes ao dia, isso faz bem e também é italiano. Não sou com tom de arrependimento. É algo que se pode compartilhar também mais facilmente. Embaixo, na margem da carta tinha ainda: você precisa um dia presenciar Simone cozinhando, quando você vier, deixaremos mimar por ele, isso ele sabe fazer bem.

Por um bom tempo, o companheiro do menino olhou intensamente para o corredor, no qual homens com malas passam se empurrando, agora mira o chão diante de si. Ele olha rapidamente a criança, em seguida seu joelho e novamente o chão. Ele tem cicatrizes na face, os últimos sinais de sua juventude.

Após um tempo, o 'Nuca' diz: “Então, a senhora não quer mesmo um? A senhora parece tão faminta.” Ele sorri.

“Faminta? Não, não, eu... só estava olhando.”

O 'Nuca' não está satisfeito com minha resposta. “Mas a senhora gosta de comer?”, quer saber. Novamente, a porta da cabine se abre.

“Sim, como qualquer um.”

“Não”, diz, “aí é que está, não é qualquer um que gosta de comer, mas a senhora, noto que a senhora agora não teria dito não a um pedaço de bolo, não é?”

Endireito-me no meu assento. Como é que ele chega a tal conclusão, um atrevimento. Por acaso pareço uma comilã de bolos? Provavelmente, um pouco redonda

---

<sup>6</sup> Como a narradora chama o homem que já estava no trem.

aqui, um pouco doce lá, para não dizer: cremosa. Meu pé bate por engano contra o dele, o papel do pão veleja do colo dele e fica pendurado em minha canela, ele se inclina para frente, entre nossas pernas, levanta os olhos, pega o papel na mão e se encosta bem devagar novamente para trás, o papel com uma mão, dobrado, segurando-o na coxa. “O quê?” pensa no pedaço de bolo, não quero responder a isso. De fato, gosto menos de comer bolos do que bolachas, uma grande diferença a meu ver. Para o 'Nuca', ambos dariam no mesmo.

“Oi, os dois lugares ainda estão livres?”, a senhora soa já um pouco nervosa, ela pergunta pela segunda vez, ninguém lhe respondeu.

“Claro”, digo, o 'Nuca' a minha frente continua mastigando. A senhora puxa atrás dela uma pequena mala de marca, com rodinhas, para a cabine, que se enrosca na porta, o homem que ainda está de pé atrás dela no corredor quer ajudar. “Consigo fazer isto sozinha também.” A mulher abaixa o puxador retrátil da mala, deixa-se cair impetuosamente ao meu lado e diz ao homem que está olhando para dentro com a cabeça na porta: “Pois não, então faça isto.” Ele faz. Assim que ele tiver arrumado tudo, se sentará.

“Então, isso deixou a senhora sem fala?” ele é simplesmente insaciável, o 'Nuca' maduro.

“Não, não, eu... eu somente não respondo tão rápido às vezes.” O 'Nuca' parece se alegrar que tudo dá certo que é uma beleza. Ele faz perguntas e gaguejo, entretanto, com isso, temos uma conversa muito simpática. Ele não se digna a dirigir um olhar para o restante da cabine. “Se a senhora quiser, podemos comer um pedaço de bolo no vagão-restaurant.” Ele comeu também o segundo pão com patê.

“Não, obrigada, já disse que não estou com fome.”

“Bem, mas para isso não se precisa de fome.”

“O senhor pode ir, vá! Comer bolinho... talvez o senhor encontre lá também algum entretenimento”, deixo escapar.

“Essa agora, tão descortês?” não lhe fiz nada, fiz?

Fico calada e ele também. A criança aperta os botões de seu *gameboy*, ela chia, sibila, às vezes, a criança dá gritos.

“Minha mulher”, ele sorri, “também é com frequência um pouco arrogante, não é bem isso que ela quer dizer.”

Não digo nada. Ele provavelmente pensa em que outra coisa inteligente poderia dizer de si para tirar-me da indiferença.

“A senhora tem um distúrbio alimentar?”

Observo-o, ele fez uma cara que deve indicar: você, te entendo, você. E eu tinha achado que ele imaginaria um pedido de desculpas! Mas ele quer descobrir alguma coisa totalmente pessoal.

“Por que eu haveria de ter um distúrbio alimentar?”

“Quase todas as mulheres têm um, se a senhora não tivesse um, seria uma exceção.”

“Então, sou mesmo uma exceção.”

Odeio quando as pessoas querem envolver-me com problemas alheios.

O homem na porta, que está sentado em frente ao menino com *gameboy*, amassa suas mãos, seu rosto muda de cor, fica vermelho, ele morde seus lábios, vermelho e branco, parece que comprime, os olhos pequenos, aperta, vermelho, então, de repente sem cor, escapa-lhe um gemido baixo. Rapidamente olho em volta, ninguém na cabine parece ter notado algo, somente o *gameboy* parou de piar.

“Papai, papaizinho”, o menino salta de seu assento, pega no rosto do papai com as mãos, acaricia e tenta subir no seu joelho. Papai dá-lhe um pequeno empurrão, e o menino aterrissa em cima do seu pé. O menino ri assustado. “Papaizinho!”

“Então, a senhora se acha bonita?” O 'Nuca' não me esqueceu, como poderia também, ele ainda não percebeu nada do menino e de seu pai.

“Por que tenho que me achar bonita?” Não penso nisso de modo algum.

“Não acredito na senhora, a senhora tem, por exemplo, um cabeleireiro, vejo isto em seu penteado, usa meias finas – e a senhora quer me contar que não pensa em sua beleza?”

“Assim é.”

O homem resmunga, ouvi perfeitamente, primeiro vi, deveria tornar-se um sorriso, depois ouvi, e saiu um grunhido.

“A senhora é sempre tão insolente?”

Não lhe respondo.

“Bem, como a senhora quiser, mas a senhora tem de admitir que há formas mais simpáticas de chegar para conversar com os outros.”

E enquanto ele papeia assim diante de si mesmo, com a certeza na crença de que “é claro que eu em realidade quero conversar um pouco com ele, e que seria somente tímida, ou senão, entalada no meu assento”, sinto-me terrivelmente sobrecarregada pela

estupidez de nossa conversa. Papai, que está a ponto de chorar, levanta-se num pulo violento, pega o menino no braço e sai da cabine.

Ele mal fechou a porta atrás dele, e então, a senhora se inclina para frente e cochicha ao seu marido.

“Você não me ama mais.”

Ele fica calado. Ela repete.

“Você não me ama mais.”

“Assim é”, diz ele, “já falamos várias vezes sobre o assunto, Kitty.”

“Não acredito em você. Imagine que minha ânsia por amor fosse grande demais. Isto significaria que o amor em si seria pequeno demais?”

“O amor em si ou o meu em especial?”

“O amor em si, Kurt, pois o seu não existe mesmo.”

“Pois é verdade”, o homem que se chama Kurt suspira, e abre um livro.

“Você não está prestando atenção!” A mulher, que se chama Kitty, fica novamente impaciente.

“O que isso significa?”

“O que isso significa, você sabe muito bem. Conheço você, desde o começo, você simplesmente não consegue amar outras pessoas!”

“Claro que consigo, só você é que não. Satisfeita agora?”

“Por que, pois? Contenta com o quê?” Kitty se detém, pensa um momento, então se inclina novamente para a frente e grita: “Você ama Adam!”

“Já te falei isso.”

“E eu? Quem eu amo? Eva, talvez?”

“Não, você não pode amar nenhuma Eva, você me ama.”

“Aha. Não acredito que você ama Adam.”

O casal está nos meados dos quarenta anos e bem vestido.

“Não acredito que você ama Adam.”

“Você mente.” O homem diz isso de forma totalmente seca, não é censura, ele constata isso.

“Minto quando digo: “te amo”. Minto também quando digo: “nunca” e “sempre”. Quero mesmo teu amor? Quero-o? Um nada e mais nada? Não, só não pense isso, não quero teu amor, ele me constrangeria, eu não teria nada para retribuir-lhe. Mas tua rejeição, Kurt, você está prestando atenção? Tua rejeição, o desprezo com o qual teus olhos erram pelo mundo e nem mesmo a mim eles percebem mais – ela me fere

profundamente. E quanto mais fortemente você reage com incompreensão, indiferença e ingenuidade, tão mais desamparada eu me sinto...

Kitty começa a misturar suas palavras entre gaguejos e soluços em meio ao choro, Kurt, que está sentado imóvel em frente a ela, sai de sua petrificação para alcançar um lenço para ela.

“...tão mais rejeitada me sinto e tão mais furiosa fico. Você, você, você, você não percebe que aí está faltando algo? Outras pessoas talvez? Alguém perto de você? Então, você não se lembra às vezes de que tinha uma esposa? Kurt! Você me ouve? Uma esposa!”

Como Kurt permanece sentado totalmente imóvel e crava os olhos na encadernação de seu livro e sorri, ela arranca-lhe o livro da mão.

“Até eu experimentar a destruição por sua causa! Procriação uma ova, aff! Quando alguma vez você já gerou alguma coisa?”

“Relaxa. Você não é objetiva. Na verdade, fica feliz que não temos filhos, senão você teria que ficar todo dia mais tempo ainda na cozinha.

Kitty respira com dificuldade. Posso claramente reconhecer a carótida no pescoço de Kitty, ela parece inflada, estou certa, ver-se-ia o palpitar se ela ficasse quieta um instante. No corredor, o menino pequeno escorrega um pouco para o lado no assento desdobrável, fecha a boca e pega o *gameboy* atrás de si. Ele aperta várias vezes um botão, o som que ele produz, de novo e de novo, se parece com uma pequena sirene.

“Eu estaria feliz, digo-te, feliz, se alguma vez tivesse um trabalho de verdade na cozinha.” Kitty suspira, ela não gostaria de entrar em detalhes sobre as crianças. “Que seu Adam não te corresponde no amor, te importunou terrivelmente, não é? São as pessoas, é vergonhoso para você diante de outros, não? Você vem todas as noites para casa, oi, você diz, oi, digo, você está quieto, eu te esperava, nada mudou, deixo pronto um pequeno lanche para o jantar, ontem eu não estava sentada contigo, você não notou. Depois, você se deita em sua cama e dorme. Não bem, não, agitado, porque você tem medo, é vergonhoso para você diante de outras pessoas, sim, você tem medo...”

“Medo. Você sabe do que tenho medo? De seus ombros e coxas frios, quanto mais tarde da noite e mais nuas as paredes e a luz do teto de teu quarto brilha, menor ainda fica seu coração, quase irreconhecível, suas coxas frias, entre as quais nada mais há, a não ser a carência de tempos há muito ignorada. Você é repugnante. Você não vê como sua maquiagem se desfaz e o rímel borra, olhe para você!”

Kitty faz, como lhe foi dito, abre a bolsa de mão e choraminga baixo, não chora, choraminga praguejando, enquanto tira uma caixinha dourada de pó compacto, ela abre, observa-se no pequeno espelho e limpa com um lenço a maquiagem em volta dos olhos. Depois ela fecha a caixinha de pó de arroz e olha para mim.

“O que a senhora está olhando assim? Ainda não viu uma mulher humilhada?”, seu olhar encontra-me também, sem querer tenho que sorrir, não porque a acho engraçada, também não por simpatia, talvez por tensão. A expressão do rosto de Kitty se alisa, ainda parece um pouco atormentada, mas ela diz: “meu marido e eu somos atores, nós estamos treinando para a próxima peça. A senhora a conhece?”

Balanço a cabeça.

“Venha”, diz o 'Nuca' e se levanta, “A senhora vai agora vai comer bolo comigo.” Ele continua a não dar atenção ao que o cerca. Ele quer pegar minha mão, eu a retiro. Penso se ele tem, com esta água de colônia, uma esposa que untou para ele os pães com patê de fígado para a viagem, e essa mesma esposa é também aquela que lava as roupas para ele com sabão em pó com o cheiro exalante, e com esta mão branca, com a qual ele também estende a mão para sua mulher, então é impossível que ele esteja se dirigindo a mim. Ele não pode consumir comigo os pães femininamente cobertos com patê e nem querer comer bolo em seguida. Ele não é o tipo de relacionamento de viagem que eu gostaria de criar. Kitty pragueja, ela também tem na bolsa um pequeno cantil dourado junto à caixa de pó de arroz dourada, e toma um vigoroso gole.

Sigo o 'Nuca' para fora, para o corredor.

Lá o pai do menino encosta-se na janela aberta e fuma. Seu filho está no pequeno parapeito e olha pela janela. Sete vaca, oito vaca, nove vaca, dois cavalo, dez vaca.

“Pare, enfim, de tagarelar comigo.

“Onze vaca, estou contando vacas, doze, papai.”

“Para.”

“Mas, então, estou perdendo algumas.”

“Não diga besteira.”

“A senhora vem afinal? Ou quer que eu lhe traga o bolo aqui?”

“Você, papaizinho.” O menino quer cochichar, mas por causa do som intenso precisa gritar um pouco: “você, papaizinho! “Este é o casal número cinco que quer comer bolo!”

“Pois, então, deixe-os comer.”

“Papaizinho...?”

“Não.”

“Nós não vamos comer bolo também?”

“Desde quando você gosta de bolo?”

“Mas no vagão-restaurante há certamente mais casais ainda. Posso contá-los.”

Olho em volta, naturalmente nenhuma outra pessoa está à vista exceto o 'Nuca' e eu, que teria levado o menino à ideia de um casal. Penso comigo mesma, certamente parece estranho, se alguém imaginar que eu estaria casada com o 'Nuca'. Acho que não quero que alguém imagine que eu seria um casal com o 'Nuca'. Também não quero de modo algum comer bolo com ele. Ele espera, sua mão tocou a minha, quando nós abrimos caminho pela porta de correr, bolo, da mão, branco, cremoso gorduroso, cartilagem, água de colônia. “Não”, digo, “não vou junto.” Encosto-me na parede ao lado do pai do menino. O 'Nuca' entendeu, ele volta para nossa cabine e fecha a porta atrás de si. Fico em pé ao lado do pai do menino. “Quinze vaca, deze..., dezessete vaca. Papai, elas chegam tão rápido!” Seu pai está lá, em pé e não diz palavra nenhuma. Em trinta vaca, o menino precisa ir ao banheiro e seu pai o acompanha. Espero. Começo a contar vacas, não é nada fácil. Vejo que o céu toca o pasto. Pai e filho retornam, penso: homens com crianças assumem responsabilidade às vezes, e às vezes são simpáticos. O pai do menino abre a porta para a cabine, diz ao menino: “sente-se.” O menino e seu pai se sentam, e a porta fecha. Estou em pé sozinha, fora, no corredor. Penso: homens com crianças são difíceis, eles têm pouco tempo, para mim. A tempestade passou, apenas uma parede cinza continua no final do pasto e, em frente dela, árvores que são iluminadas pelo sol, verde ácido. A porta da cabine abre novamente. Não me viro. Próximo a mim, o menino sobe até o parapeito e conta: “uma vaca, duas vaca, três, quatro, cinco vaca, um coelho”. Penso: eu poderia perguntar-lhe, se ele quer comer bolo comigo, posso me segurar, não tenho fome, e ele pode contar melhor aqui, “Vaca, vaca, ah droga, mais uma vez, uma vaca, duas vaca, três vaca.”

### 3 FERRAMENTAS DE AUXÍLIO À TRADUÇÃO

Todo processo tradutório exige do tradutor, além de um bom conhecimento linguístico de sua língua materna e da língua a ser traduzida, também uma boa compreensão das ferramentas que o auxiliarão no percurso. Quando se fala em tradução, os objetos mais comuns em que pensamos são dicionários, gramáticas, glossários e outros. Com a tecnologia, o computador tornou-se um importante componente para o trabalho do tradutor. Hoje, pensar em tradução é também pensar em computador, pois alguma etapa da tradução passará pelo intermédio dele. A tecnologia vem proporcionando a criação de ferramentas que ajudam muito no trabalho do tradutor. Mas o que seriam essas ferramentas? Conforme a definição de Rieche (2004) essas

ferramentas de auxílio à tradução podem ser descritas como qualquer programa de computador ou sistema de referência on-line que auxilia os tradutores nas suas tarefas, fornecendo um ambiente propício à realização de traduções com alta qualidade, eficiência e rapidez. Dicionários, glossários on-line e bancos de dados terminológicos são exemplos de algumas ferramentas desse tipo, que podem variar no grau de automação. (p.38)

Temos na web muitos dicionários disponíveis. Por exemplo, no site do Uol, há a página <<http://michaelis.uol.com.br/>> que contém os dicionários bilíngues publicados pela editora Michaelis para consulta *online*. Os sites <[www.dict.cc](http://www.dict.cc)>, <[www.pauker.at](http://www.pauker.at)> e <[www.woxikon.com](http://www.woxikon.com)> foram construídos como dicionários de várias línguas, dentre elas o par de língua alemão-português e vice-versa, sendo muitos úteis e consultados durante esta pesquisa. O Linguee <[www.linguee.com.br](http://www.linguee.com.br)> é uma ferramenta de busca que apresenta dicionário redacional e apresenta a palavra procurada e sua respectiva tradução em um determinado contexto frasal. Na esquerda da tela apresenta o dicionário, enquanto na direita encontram-se os exemplos da palavra na língua-fonte e língua-alvo. Todas essas ferramentas foram de grande serventia para as traduções e a pesquisa.

Além delas, há outras ferramentas, são os *softwares* chamados de CAT (*Computer-assisted translations tools*) ou PAT (programas de apoio à tradução) sendo o *Trados Studio* e o *Wordfast* os mais conhecidos no mercado. Esses programas permitem

basicamente a criação de memórias de tradução (*Translation Memory* - TM<sup>7</sup>). Eles são também chamados de programas de memória de tradução para se diferenciarem da tradução por computador (*Machine Translation* - MT). A diferença entre os programas de TM e de MT é que a tradução pelo segundo é realizada automaticamente. A tradução por computador, portanto,

é uma operação com programas que utilizam algoritmos para analisar a estrutura da frase (ou parte dela) no idioma fonte e as funções dos termos na frase. Esses programas dividem o texto em elementos que podem ser identificados pelos algoritmos e são convertidos (traduzidos) para outro idioma (idioma de destino) com o auxílio de dicionários e regras gramaticais. (FRACASSI, 2000)

Memórias de tradução, por sua vez,

“memorizam” a tradução digitada pelo tradutor para uma frase (ou parte de frase) e, se mais adiante, o texto original apresentar a mesma frase novamente, o programa sugere ou mostra a tradução empregada anteriormente, deixando a critério do tradutor utilizá-la ou não. (idem)

Definindo de modo bem simples, uma TM proporciona o resgate de um trecho da tradução que possa aparecer novamente. E é muito importante salientar que um programa de memória de tradução não faz a tradução automática por si mesma, ela é sempre intermediada pelo tradutor, o qual quanto mais traduz mais alimenta essa memória. Esses programas possuem também a função de tradução automática em suas configurações, porém acaba sendo escolha do tradutor utilizá-la ou não, sendo que o resultado de uma tradução automática geralmente não é satisfatório.

### **3.1 O uso de programas de memória de tradução**

Apesar da existência dos programas de memórias de tradução, ainda há muitos tradutores relutantes quanto ao seu uso. Como apontam Nogueira D. e Nogueira V.M.C. (1996), os mais velhos dizem “sou tradutor, não micreiro” e, os que se recusam a utilizá-los costumam “alegar que esses programas podem ser muito úteis para os outros, mas, para o “seu” tipo de tradução, têm pouca serventia” (NOGUEIRA, D.;

---

<sup>7</sup> Prefiriu-se manter a sigla MT para *Machine Translation* para não haver confusão com memória de tradução (caso *Translation Memory* fosse traduzido e abreviado), conforme o uso pela maioria dos autores estudados.

NOGUEIRA, V.M.C., 2006, p. 18), o que não é necessariamente verdade. Essa recusa se dá na maioria dos casos na tradução de obras na área das Ciências Humanas. Entretanto, em traduções na área técnica-científica, os programas de memória de tradução têm grande aceitação.

Na tradução de obras literárias, o uso desses programas é menos aceito ainda. Benedetti (2004) aponta dois fatores para isso: um intrínseco à atividade de tradução, pois os textos literários apresentam geralmente uma terminologia mais vasta do que os textos técnicos, e o outro extrínseco, que é o ligado ao aspecto mercadológico da questão, visto que as próprias editoras não têm interesse nas traduções assistidas por computador, além de que o texto a ser traduzido é mandado geralmente para o tradutor em papel impresso.

O uso de TM na área técnica-científica é mais difundido e mais aceito, porque a linguagem empregada nos textos é menos variada. Esse uso tem explicação também em sua própria origem nos anos de 1990, pois as TMs foram “projetadas para reciclar traduções anteriores, eliminando trabalho repetitivo e automatizando as pesquisas terminológicas” (RIECHE, 2004, p. 38), características recorrentes quando se trabalha com essa tipologia textual. Ainda conforme Rieche (2004), os fabricantes de ferramentas de memória de tradução consideram-nas mais úteis na aplicação em textos terminológicos e argumentam apresentando os seguintes benefícios em própria defesa:

- a consistência, pois haverá uma padronização da terminologia;
- a produtividade, pois como são textos terminológicos, haverá recorrências de termos, podendo ser evitada a retradução;
- o custo, pois quanto mais traduções forem feitas, haverá mais termos e trechos salvos nas memórias, o que pode levar à redução do tempo necessário para realizar a tradução e conseqüentemente poderá haver redução de gastos com o tradutor.

Nogueira D. e Nogueira V.M.C. (2006) não limitam as vantagens das TMs ao acesso mais rápido à terminologia. Para eles, algumas características desses programas facilitam em muito a vida do tradutor: a presença do texto de partida (língua-fonte) e de chegada (língua-alvo) juntos na mesma tela, possibilitando uma visão panorâmica deles; a possibilidade de evitar os saltos no texto; a facilidade comparar nomes próprios para decidir se devem ser traduzidos ou mantidos no original, a facilidade de utilizar glossários e de consultar imediatamente a tradução, dentre outras possibilidades. Por fim, outra vantagem é a criação de um *corpus* bilíngue que proporcionaria a procura de um termo ou expressão em seu contexto.

Benedetti (2004) abre o leque de opções de aplicabilidade dos programas de memória de tradução e aponta o uso das mesmas nas Ciências Humanas e na Literatura para a “tradução” de

desinências, expressões idiomáticas e palavras ou locuções muito frequentes. Por exemplo, a tradução das desinências *-able* (francês, espanhol, inglês) ou *-abile* (italiano) por *-ável* poderá render resultado correto em pelo menos 80% dos casos. A tradução de *il y a* ou de *there is/ there are* por *há* poderá não ser aceita pelo tradutor em 100% dos casos, mas será aceitável na grande maioria das ocorrências. (p. 181)

Deve-se ter em mente que a tradução dessas desinências se dará de modo diferente para as mais variadas línguas, de forma que o uso de um programa de memória de tradução não significa que o trabalho do tradutor poderá ser desnecessário, uma vez que é ele que tem condições de avaliar qual a melhor maneira de traduzir em cada contexto específico.

Enfim, conforme apresentado, esses programas têm diversas funcionalidades e, apesar da sua origem para a tradução de textos técnicos, que geralmente apresentam uma terminologia recorrente, e ainda da relutância de algumas áreas em sua utilização, creio que os tradutores deveriam deixar um pouco o ceticismo e se apropriar das tecnologias que estão a serviço da tradução. Pois independentemente do tipo de texto, há mais vantagens do que desvantagens em seu uso: o ganho em produtividade é maior, a criação de glossários e um *corpus* bilíngue, sendo possível recorrer à procura de um termo, seja no texto original ou no traduzido, e assim, decidir a melhor escolha, mesmo em se tratando de tradução textos literários. O *corpus* bilíngue também possibilitaria uma grande ajuda aos Estudos da Tradução, pois por meio dele seria possível estudar e aprofundar cada vez mais os estudos sobre a prática tradutória de quem utiliza essas ferramentas. E por fim, diante de tudo que foi exposto, penso que o manuseio dessas ferramentas é extremamente importante para que o aluno, que se forma no bacharelado em Letras, possa aprender a utilizá-las, porque isso refletirá em uma melhor formação para o mercado de trabalho.

### 3.2 O Trados

O *Trados Studio* é uma ferramenta de memória de tradução criada pela empresa Trados GmbH, fundada em 1984 por Jochen Hummel e Iko Knyphausen, e que mais tardiamente, em 2005, foi comprada pela empresa SDL Internacional.

A primeira versão do programa lançada para o Windows se deu nos início dos anos 90 e, já no final dos anos 90, a empresa ganha notoriedade mundial, sendo líder no mercado. Com certa regularidade a empresa lança uma nova versão “melhorada”. Como visto no site da empresa ([www.sdl.com](http://www.sdl.com)), já foi lançada a versão SDL Trados Studio 2014 que promete ser uma ferramenta mais fácil de manusear que as anteriores.

A última versão antes dessa foi o SDL Trados Studio 2011, sendo esta adquirida para a realização da pesquisa. Abaixo seguem algumas considerações sobre o uso do programa.

#### **O *SDL Trados Studio 2011*: uma breve descrição**

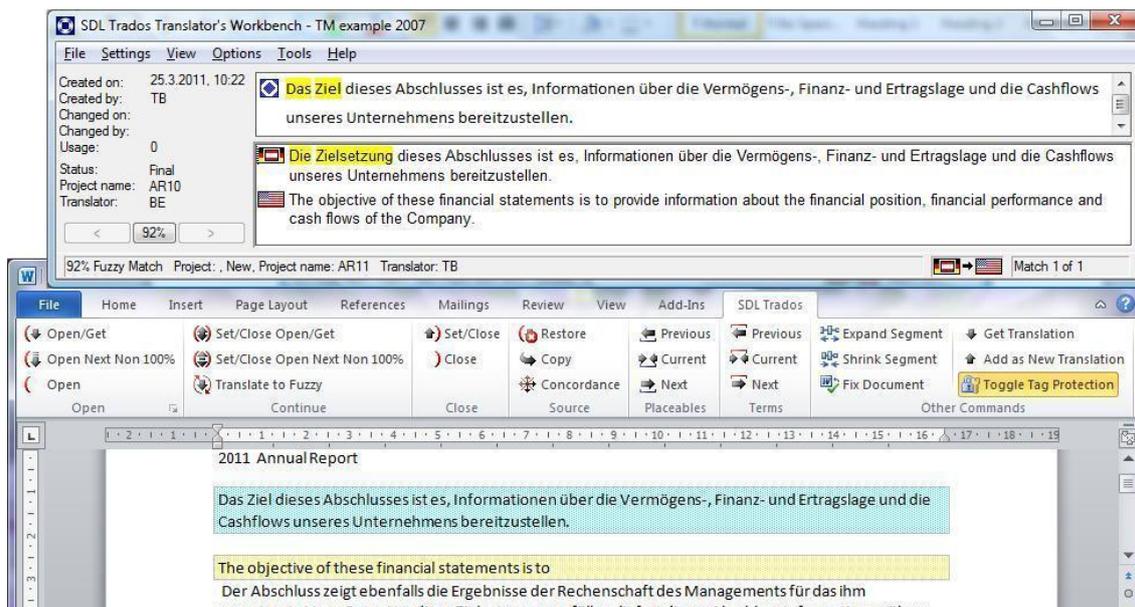
Conforme explicitado em seu manual e no site da SDL Trados, o programa *SDL Trados Studio 2011* apresenta três componentes:

- o *SDL Trados Studio*: utilizado para trabalhar com arquivos de tradução, criação e manuseio de memórias;
- o *SDL MultiTerm*: ferramenta para sistematizar o uso de terminologia, possibilitando a criação de glossário e banco de dados terminológicos.
- o *SDL Passolo Essential*: é uma ferramenta de localização de *software* especializada.

As duas primeiras ferramentas citadas, *Trados Studio* e *MultiTerm*, são as utilizadas durante a pesquisa.

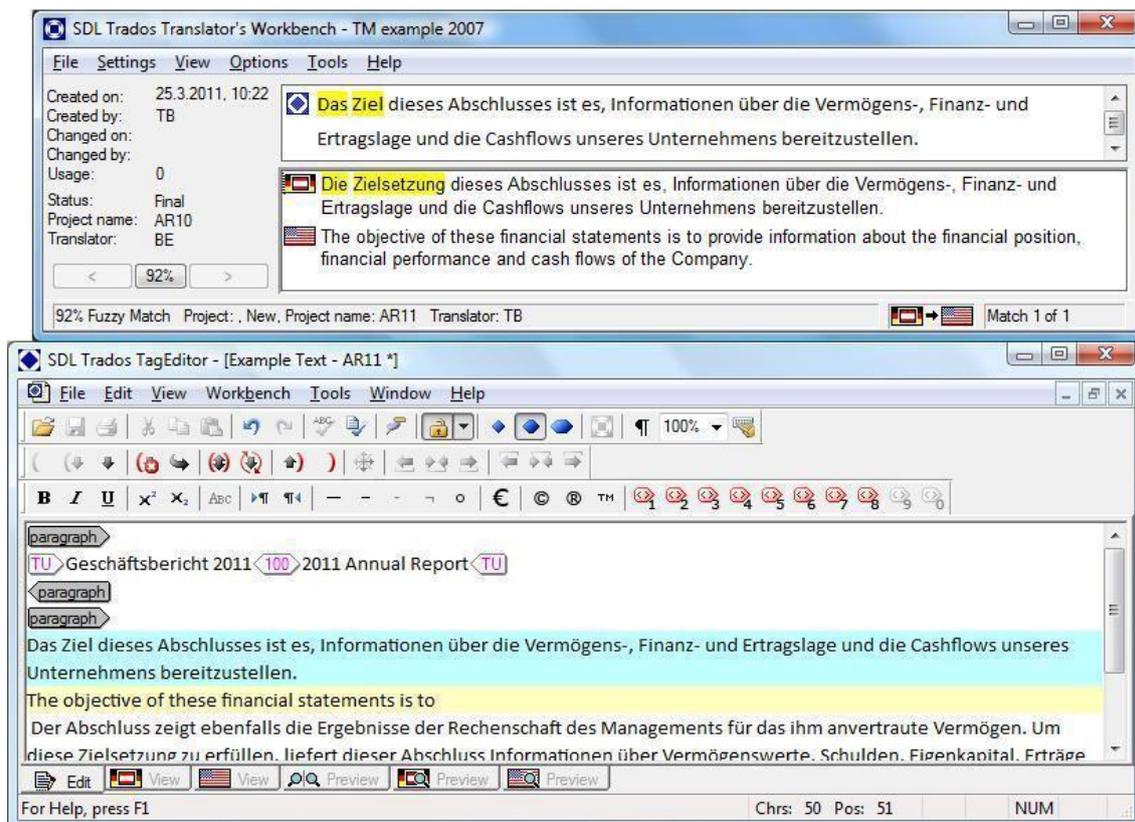
Nas versões anteriores do *Trados*, como a de 2007, havia duas possibilidades para a realização da tradução: a primeira seria utilizando o *Word* com o *Trados* acoplado, ou melhor, como se ele fosse um complemento do programa, e que poderia ser ativado ou desativado, enquanto abria uma janela do *TagEditor* para que se pudesse ver a memória de tradução (Figura 1). e a outra seria pelo *TagEditor*, muito parecido com o *Office Word* (Figura 2). Após a apresentação das figuras citadas, será explicada brevemente a forma de utilização da memória de tradução.

**Figura 1 – Tradução com o Office Word.**



Fonte: Blog Translation Project Management Insights<sup>8</sup>

**Figura 2 – Tradução com o TagEditor**



Fonte: Blog Translation Project Management Insights<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Disponível em: < <http://www.e-tanja.si/blog/how-to-store-translation-units-as-you-translate/>> Acesso em: 01 de set 2013.

<sup>9</sup> Disponível em: < <http://www.e-tanja.si/blog/how-to-store-translation-units-as-you-translate/>> Acesso em: 01 de set 2013.

Com o *Trados 2009*, e posteriormente, o *2011*, as traduções passam a ser realizadas na interface do próprio programa. Mas antes de se iniciar uma tradução, é preciso criar a memória de tradução (TM) que será alimentada, escolhendo a língua-fonte, ou *Source Language*, e a língua-alvo, ou *Target Language*. Após a criação, carrega-se o arquivo a ser traduzido e o programa fará a segmentação do texto. Em sua grande maioria, os pontos finais marcam o final de um segmento, porém os critérios podem ser mudados conforme as necessidades do tradutor.

O texto, ao ser carregado, aparecerá em uma janela toda dividida em colunas e linhas. A primeira coluna à esquerda apresenta o número do segmento, a segunda o texto (língua-fonte) todo segmentado, na coluna do meio encontra-se o *status* do segmento, que apresenta se a tradução foi aprovada ou o grau de correspondência na memória de tradução, na quarta o texto traduzido e na última a estrutura do documento, que mostra onde o texto traduzido está no texto original. E como se conclui, as linhas correspondem aos segmentos.

Após traduzir todo o documento, ele é marcado como finalizado, e os segmentos são salvos na memória escolhida. Quando já há uma boa quantia de memória armazenada, o programa busca e acaba por sugerir a tradução das palavras que já tenham aparecido e cabe ao tradutor, escolher se aceita ou, caso contrário, se adiciona um novo significado a ela. Estas palavras sugeridas são fornecidas em seu contexto frasal, o que facilita o entendimento dos diferentes significados e assim a melhor escolha.

#### 4 A CRIAÇÃO DE *CORPUS* BILÍNGUE E DE GLOSSÁRIO

Nesta última parte da monografia, serão retratadas a minha experiência como usuário iniciante em programas de TM (memória de tradução), a criação do *corpus* bilíngue, bem como a criação dos glossários utilizando o programa Trados.

Primeiramente, deve ficar claro que a tradução dos contos de Julia Franck não se deu com a utilização do Trados, o trabalho com o programa foi posterior. As traduções foram realizadas gradativamente e, digamos, de forma manual: o texto original fora digitado em um documento do Word. Para a tradução, foi inserida uma linha em branco entre as linhas do texto original para que pudesse ser colocado o texto traduzido. Para diferenciar os textos, a tradução era escrita em letras vermelhas e depois de terminada a tradução, era separado o texto original da versão traduzida. Isso dava um pouco de trabalho, pois exigia selecionar linha por linha para passar para outro arquivo. Todos os três contos traduzidos (“Bäuchlings”, “Zugfahrt” e “Streuselschnecke”) passaram por este procedimento, e também foram criados glossários à mão, que mais tarde passaram para uma versão digital.

No meio da tradução do último conto, “Zugfahrt”, surgiu a ideia de se utilizar uma ferramenta de memória de tradução. Esta ideia veio quando nos questionamos sobre o que poderia ser feito com os textos traduzidos e com os glossários criados. Aquelas traduções não poderiam ser simplesmente mais uma tradução, elas deveriam servir para algo a mais, deveriam ser reaproveitadas depois. Foi quando, então, nos deparamos com algumas pesquisas que utilizavam ferramentas para a análise lexical, como o *WordSmith Tools*, e também o programa de memória de tradução, *Wordfast*.

Observando o funcionamento do *Wordfast* e conversando com algumas pessoas que trabalhavam com o programa foi perceptível uma semelhança entre ele e o processo realizado por mim: quando ativado, o *Wordfast* dividia no próprio Word o texto em segmentos e, abaixo ou ao lado do próprio segmento, aparecia uma lacuna que seria preenchida com a tradução. Após o término era possível “limpar” aquele arquivo, que continha ambos os textos, transformando-o em dois: um com o texto original e o outro com o texto traduzido. E isso levava a metade do tempo para fazer todo o processo realizado por mim.

Apesar da semelhança entre os procedimentos, a grande diferença era a segmentação dos textos: enquanto o programa *Wordfast*, e incluímos aqui também o *Trados*, como também os demais programas de memória de tradução, realiza a

segmentação do texto na maioria das vezes pelo ponto final, embora isso possa ser modificado a critério do tradutor, a minha segmentação era conforme a capacidade que uma linha suportava em um documento do *Word*, independente se a oração havia acabado ou não. Isso atrapalhava o meu procedimento, pois “cortava” as unidades de significado, diferente do que acontece com as memórias de tradução.

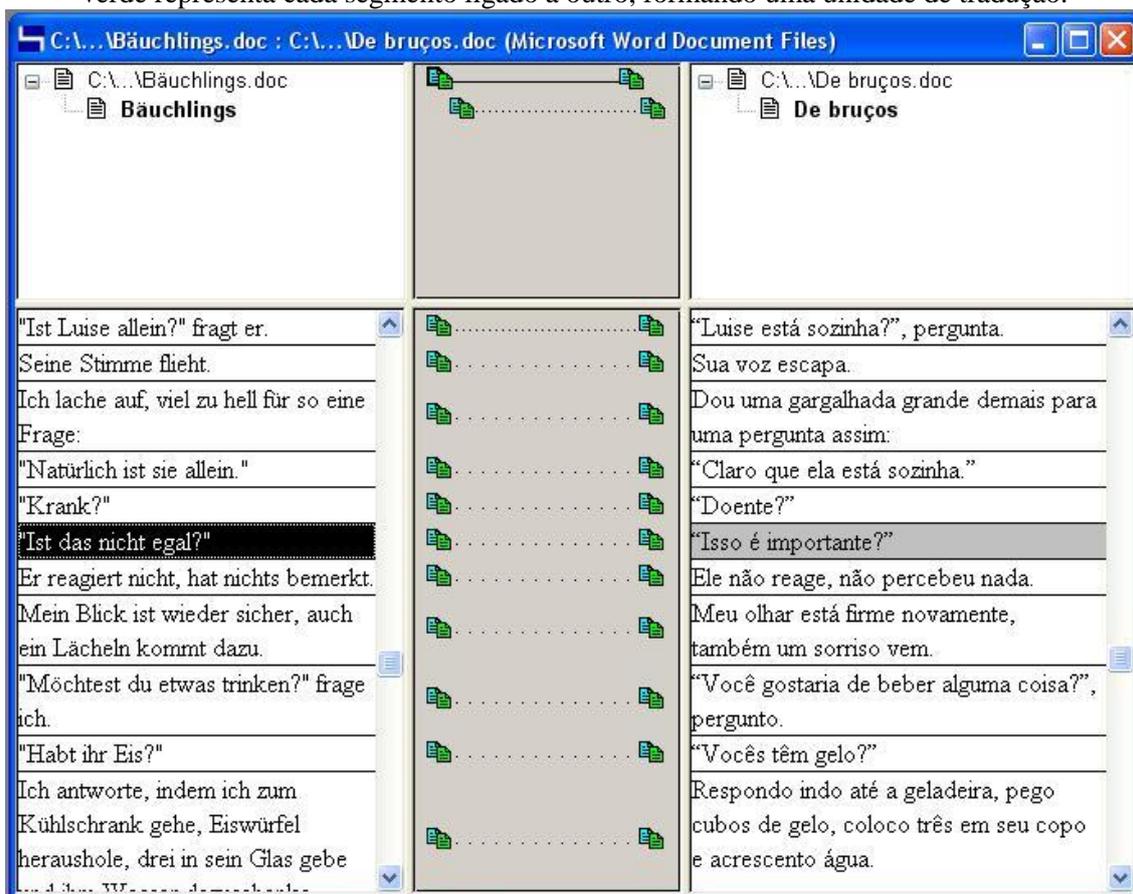
Então, após estas constatações, foi resolvido dar início ao manuseio de um programa memória de tradução. Embora o primeiro contato tenha sido com o *Wordfast*, a escolha se deu pelo *Trados Studio 2011* devido à localização de poucos trabalhos acadêmicos relacionados a ele.

#### 4.1 O alinhamento

Quando escolhido o programa, as traduções já estavam praticamente prontas. E o que poderia ser feito para criar a memória de tradução, se os textos já haviam sido traduzidos fora da interface do *Trados*? A solução encontrada foi se servir da ferramenta de alinhamento do *Trados Studio*, o *WinAlign*. O processo de alinhamento consiste em criar um projeto que carregará os arquivos da língua-fonte (*Source Language*) e da língua-alvo (*Target Language*) que serão segmentados, postos lado a lado a lado, sendo os segmentos correspondentes ligados por linhas contínuas ou de pontos, formando o que se chama de “unidades de tradução”. Toda segmentação se dá automaticamente, porém cabe ao tradutor checar se os segmentos correspondem entre si, pois pode haver erros. Mas antes de tudo, deve-se configurar o projeto para que possa exportá-lo em formato *Translation Memory Exchange* (TMX), pois só assim, quando o alinhamento estiver finalizado, é que poderá ser utilizado para a criação ou manutenção de uma memória de tradução.

As três traduções passaram pelo alinhamento. Houve poucos erros na segmentação e em suas correspondências, como por exemplo, no trecho de “Zugfahrt”: em alemão temos “Ich kenne dich, von Anfang an, du kannst andere Menschen einfach nicht lieben!”. No alinhamento realizado, esse trecho do original foi considerado um único segmento, porém a segmentação do texto em português dividiu-o em dois, criando os segmentos “Conheço você, desde o começo, você” e “simplesmente não consegue amar outras pessoas!”. Então, a solução foi juntá-los e torná-los um único segmento no texto em alemão.

**Figura 3** – Janela do alinhamento do conto “Bäuchlings”. Na coluna do meio, a figura de papel verde representa cada segmento ligado a outro, formando uma unidade de tradução.



**Fonte:** Print Screen da aplicação do alinhamento

Outra situação interessante foi a extensão de alguns segmentos. Como a autora Julia Franck gosta de utilizar orações relativas, alguns parágrafos são grandes, sendo difícil separar as orações entre si. Portanto, alguns segmentos ficaram grandes, o que pode diminuir a qualidade da tradução, pois o maior tamanho dos segmentos pode dificultar a verificação da correspondência entre eles.

#### 4.2 A memória de tradução

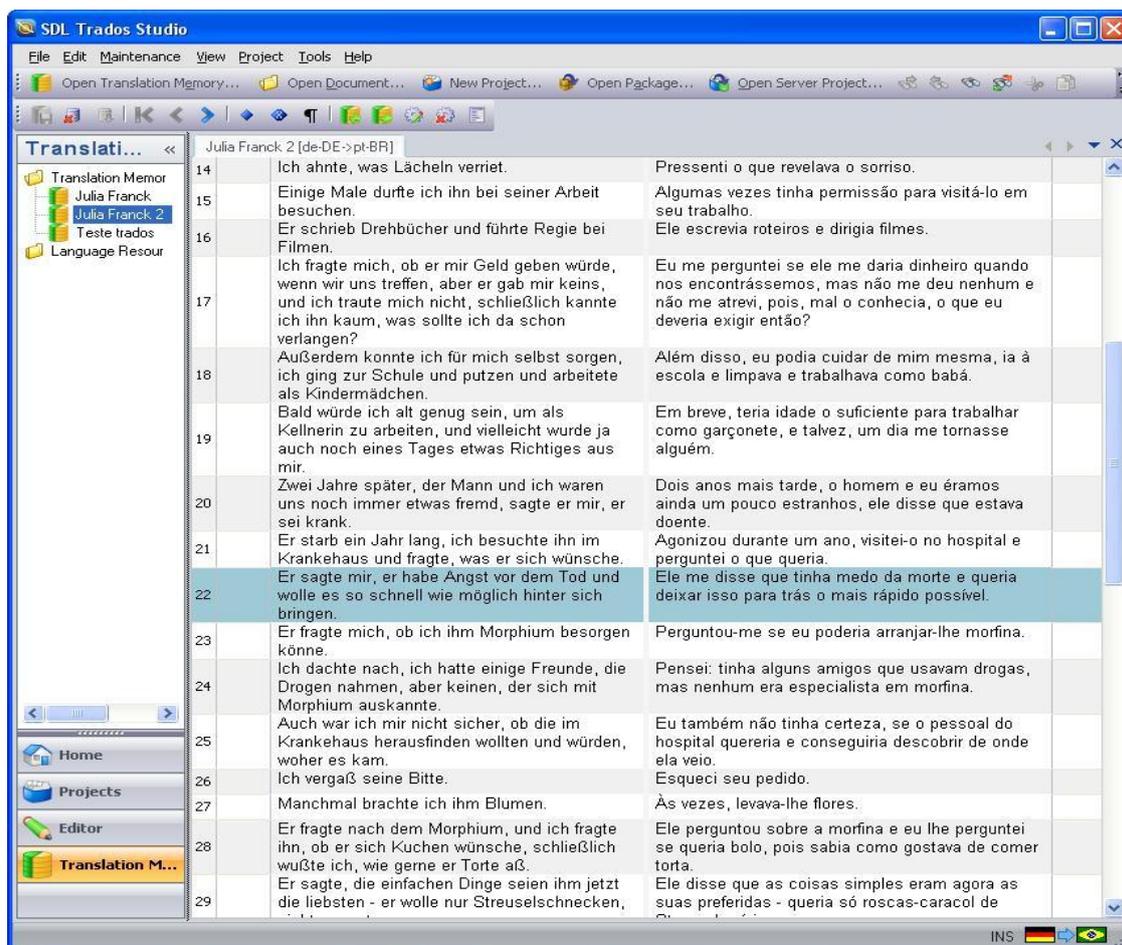
O próximo passo foi a criação da memória de tradução, por isso, a seguir, há uma breve descrição do processo, porém de modo bem simples, pois o objetivo não é fazer disso um tutorial.<sup>10</sup> Primeiramente, no programa Trados é necessário abrir File > New > Translation Memory. Aparecerá uma janela que pede para escolher a *Source*

<sup>10</sup> Para ver mais acesse o tutorial disponível em: <[http://producthelp.sdl.com/SDL\\_Trados\\_Studio\\_2011/client\\_en/Guides/Translating\\_and\\_Reviewing\\_Documents\\_QSG\\_en.pdf](http://producthelp.sdl.com/SDL_Trados_Studio_2011/client_en/Guides/Translating_and_Reviewing_Documents_QSG_en.pdf)> Acesso em: 18 abril 2013.

*Language*, nesse caso o Alemão, ou melhor, **German (Germany)** como aparece no programa, e também a *Target Language*, Português brasileiro ou **Portuguese (Brazil)**. Depois pode-se prosseguir e nomear a memória, e por fim selecionar algumas configurações como por exemplo, se a segmentação será baseada em parágrafos ou em sentenças e salvar. O nome da memória escolhida foi Julia Franck 2 e a segmentação se deu por sentenças, como já tinha sido feito no alinhamento.

Em seguida, era necessário alimentar a memória. Para isso, foi necessário importar os arquivos dos três alinhamentos, clicando no ícone de importação e selecionando a memória na qual esses arquivos seriam salvos. No final, a memória ficou configurada conforme a Figura 4, e apresentava 554 unidades de tradução, sendo que só as 50 primeiras unidades salvas são visíveis numa tela.

**Figura 4** – Visão das 50 primeiras unidades de tradução na TM.



**Fonte:** Print Screen da aplicação no Windows 7

### 4.3 O glossário

Feitos os alinhamentos e criada a memória de tradução, só faltava o glossário. Então, para a criação do glossário, o *software* a ser usado é o *SDL MultiTerm 2011*, que acompanha o *SDL Trados Studio*. Porém, como os glossários estavam em formato *.doc*, o primeiro passo foi passá-los para o *software Excel e* gravá-lo como *.xslm* para que assim pudesse convertê-los utilizando o *SDL MultiTerm Convert 2011*.

Ao abrir o programa *MultiTerm* aparece já o local para salvar o arquivo. Em seguida, é necessário escolher o tipo de formato do arquivo a ser convertido; nesse caso, foi selecionado o *Microsoft Excel Format*. Depois, seleciona-se o arquivo em *.xslm* e com isso ocorre a conversão do glossário para extensão *.sdltb* que é própria do *MultiTerm*. No total foram computadas 615 entradas alemão-português para o glossário. Tais entradas podem ser acionadas quando estiver traduzindo um arquivo, para tal é só clicar no ícone do *TermBase* que aparecerá uma janela abaixo da janela de tradução com as entradas do glossário e suas definições. Considero que esse glossário poderá servir para futuras traduções: a priori para traduzir a obra de Julia Franck, podendo-se, além disso, desenvolver pesquisas sobre o vocabulário utilizado por essa autora, compará-la a outros escritores alemães e ainda estudar as diferentes possibilidades de escolha de vocabulário para traduzi-la e, futuramente, para traduzir obras de outros autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de tradução é árduo e exige cada vez mais rapidez e precisão. Por isso, torna-se imprescindível para o tradutor poder contar com o auxílio de diferentes ferramentas, dentre as quais insere-se o uso de Memórias de Tradução. Apesar de sua complexidade e do receio em adotá-las, verificou-se, nesta pesquisa, corroborando o que já pensávamos ao iniciar o trabalho, que essas ferramentas não surgiram para tomar o lugar de pessoas e automatizar as traduções, mas pelo contrário, vieram somente para o benefício, uma vez que elas colaboram para otimizar o trabalho do tradutor.

A pesquisa, que tinha como princípio a tradução de contos da escritora Julia Franck e o objetivo de divulgar obras contemporâneas alemãs, apontou para a necessidade de registrar e reaproveitar o trabalho realizado, para que assim, numa próxima etapa, possa ser criado um *corpus* de textos traduzidos no par de línguas alemão-português, que já pode ser encontrado, mas que ainda não é tão abrangente quanto o material existente - *corpora* e pesquisas - sobre o par de línguas português-inglês, principalmente no que tange à tradução de textos literários.

Por fim, com esta pesquisa espera-se se ter sido criado mais um impulso para as discussões sobre o uso de ferramentas de auxílio à tradução, para que os tradutores de obras literárias comecem a olhar diferente para essas ferramentas. As questões referentes ao uso de TM no trabalho do tradutor deveriam, além disso, ser incluídas nas discussões sobre possíveis reformulações do currículo dos cursos de Bacharelado em Letras, uma vez que muitos dos profissionais aí formados passam a atuar na área de Tradução. Apesar dessas ferramentas serem atualmente mais utilizadas para traduções técnicas, para acesso rápido ao vocabulário e para uniformização da terminologia, por que não se valer delas para a tradução em outras áreas, já que elas existem e estão aí para ajudar os tradutores?

## REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, I. C. O uso da tradução assistida em Ciências Humanas. **Cadernos de Tradução**: tradução assistida, Florianópolis, v.2, n. 14, p. 175-183, 2004.
- FRACASSI, V. **Memória de Tradução**: como esses programas podem afetar o seu trabalho. 2000. Disponível em: <<http://abrates.com.br/abreartigo.asp?onde=Memoria%20de%20Traducao.abr>>. Acesso em: 20 março 2013.
- FRANCK, J. **Bauchlandung**: Geschichten zum Anfassen. München: dtv, 2008.
- GERSTENBERGER, K. “Play Zones”: The Erotics of the New Berlin. **The German Quarterly**, v. 76, n. 3 (Summer), p. 259-272, 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3252081>>. Acesso em: 11 setembro 2011.
- HILL, A. M. “Female Sobriety”: Feminism, Motherhood, and the Works of Julia Franck. **Women in German Yearbook: Feminist Studies in German Literature & Culture**, Nebraska, v. 24, p. 209-228, 2008. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/journals/wgy/summary/v024/24.hill.html>>. Acesso em: 20 novembro 2012.
- HILL, A. M. **Maternal Drag**: Identity, motherhood, and performativity in the works of Julia. Amherst: University of Massachusetts Amherst, 2009. 239 p. Tese (Doutorado) – Estudos germânicos e escandinavos. Disponível em: <<http://scholarworks.umass.edu/dissertations/AAI3359140>>. Acesso em: 20 setembro 2012.
- HILL, A. M. The Wonder (of) Woman. **Women in German Yearbook: Feminist Studies in German Literature & Culture**, v. 24, p. 229-240, 2008. Disponível em <<http://muse.jhu.edu/journals/wgy/summary/v024/24.franck.html>>. Acesso em: 20 setembro 2012.
- MUNZINGER Archiv GmbH. **Julia Franck**. Disponível em: <<http://www.munzinger.de/search/portrait/julia+franck/0/24686.html>> . Acesso em: 16 novembro 2013.
- NOGUEIRA, D.; NOGUEIRA, V. M. C. Por que usar programas de apoio à tradução? **Cadernos de Tradução**: Tradução assistida, Florianópolis, v.2, n. 14, p. 17-35, 2004.
- RIECHE, A. C. **Memória de tradução**: auxílio ou empecilho? Rio de Janeiro: PUC, 2004. 179 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4974@2](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4974@2)>. Acesso em: 15 junho 2013.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **TradTerm 5.1**, São Paulo: FFLCH, 1998, p. 99-128.

JULIA Franck. Frankfurt, 2013. Disponível em:  
<[http://www.juliafranck.de/site/julia\\_franck/home](http://www.juliafranck.de/site/julia_franck/home)>. Acesso em: 21/04/2013.

RÓNAI, P. **A tradução vivida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.

PAES, J. P. **Tradução**: ponte necessária. São Paulo: Ática, 1990.

## ANEXOS

## ANEXO A - Glossário alemão-português a partir das dúvidas do tradutor

<b>Deutsch</b>	<b>Português</b>
abstoßen	Desencostar, afastar-se
abstützen	Apoiar, escorar
abzeichnen	Marcar, distinguir-se , sobressair, ressaltar.
Ader <i>f</i>	Veia
ahnen	Presentir, sentir
anbetteln	Pedir, implorar, mendigar
anbieten sich	Oferecer-se
anfahen	Atingir, atropelar
Angelegenheit <i>f</i>	Assunto, questão
angestrengt	Intensamente
Anlass <i>m</i>	Ocasião, motivo
anmalen	Pintar
annehmen	Supor, crer, aceitar, receber, admitir
anrollen	Partir, andar rolando, rebolando.
ansammeln	Reunir, acumular
anschließend	Em seguida, subsequente
ansehen	Olhar, mirar, ver, observar
ansonsten	Do contrário, à parte disso
Anspannung <i>f</i>	Tensão, esforço, intensidade.
anstarren	Fixar o olhar, olhar fixamente
anstrahlen	Iluminar
Anstrengung <i>f</i>	Esforço
anwinkeln	Dobrar
anzeigen	Indicar, anunciar
Armbeuge <i>f</i>	Curva interna do braço
Art <i>f</i>	Modo, maneira
aufgeben	Entregar, renunciar, ceder
aufgehen	Abrir
aufhaben	Ter sobre a cabeça
aufhören	Terminar, acabar
aufmachen	Rir, gargalhar
aufschauen	Levantar os olhos
aufschieben	Adiar, prorrogar, abrir, correr (a porta)
aufschlagen	Abrir
aufschreien	Chorar alto
aufsetzen	Fazer
aufspringen	Saltar, levantar com um pulo

Augenblick <i>m</i>	Momento, instante
aus Versehen	Por engano
ausatmen	Expirar
ausdenken sich	Imaginar, inventar
auskennen	Conhecer
ausladend	Saliente
ausmachen	Constituir, formar, apontar, desligar
Ausnahme <i>f</i>	Exceção
Ausschnitt <i>m</i>	Decote
außerdem	Além disso
Aussicht <i>f</i>	Vista, panorama, esperança
ausstellen	Expor, Passar, exarar, lavrar
bald	Em breve, logo
Baum <i>m</i>	Árvore
baumeln	Balançar
Beachtung <i>f</i>	Atenção, consideração
bedauernd	Lamentável, deplorável, desolador
beendet	Terminado, acabado, feito
Beerdigung <i>f</i>	Enterro, sepultamento, funeral
begleiten	Acompanhar
Begriff <i>m</i>	Im ... sein zu – estar para, estar a ponto de
behutsam	Cuidadoso, cauteloso, prudente
beimischen	Misturar em
beiseite	à parte
beißen	Morder, picar
bemerken	Notar
beobachten	Observar
bereits	Já
berühren	Tocar
Berührung <i>f</i>	Toque, contato
beschäftigt	Atarefada, ocupada
besitzen	Possuir, ter
besonders	Particular, especial, peculiar
besorgen	Arrumar, arranjar, comprar
bevor	Antes de, antes que
bewegen	Mover, mexer-se
Bewegung <i>f</i>	Movimento
biegen sich	Curvar-se, dobrar-se, arquear
bieten	Proporcionar, oferecer
bisher	Até agora
Blech <i>n</i>	Lata, chapa, folha, lâmina de metal, forma

Blick <i>m</i>	Olhar
blicken	Olhar, mirar
blinken	Piscar, cintilar, oscilar
blinzeln	Piscar
Blödheit <i>f</i>	Estupidez
blubbern	Borbulhar, espumar
Blume <i>f</i>	Flor, buquê
Boden <i>m</i>	Chão, terra, solo
brechen	Quebrar, romper
bremsen	Frear, travar
bringen	Trazer, levar
Brust <i>f</i>	Peito, seio
Brustwarze <i>f</i>	Mamilo
bücken	Curvar-se, inclinar-se
dabei	Junto, perto
dagegen	Contra isso
darán	A isto, a isso, nisso
darauf	Em cima
darüber	Por cima disso, acima.
dazu	Com isso, além disso, a isso.
Decke <i>f</i>	Cobertor, manta, colcha, revestimento
desto	Tanto
deuten	Interpretar
deutlich	Claro, distinto, nítido
dicht	Denso; espesso; cerrado; rente, iminente
diesmal	Desta vez
Ding <i>n</i>	Coisa, objeto, assunto, negócio
dorthin	Lá, para lá, até lá
Drehbuch <i>n</i>	Roteiro, <i>script</i>
drücken	Empurrar, estender, esquivar-se, apertar
ducken	Baixar, humilhar, envergonhar
duften	Cheirar bem, recender, exalar aroma
dunkel	Escuro
dünn	Fina, rara, magra, leve
Durchsage <i>f</i>	Aviso, mensagem
durchsichtig	Transparente
eher	Antes, melhor
eignen sich zu	Prestar-se a, prestar para
ein winzig kleines	Minúsculos
Einband <i>m</i>	Encadernação
einfach	Simples, única

einfallen	Ocorrer, vir à mente, passar pela mente, cair, desmoronar
eingeben	Introduzir, dizer
eingehen näher	Pormenorizar; aprofundar
einige	Algumas, várias
einreden	Insinuar, persuadir
einstweilen	Por enquanto, entretanto
Eitelkeit <i>f</i>	Vaidade
empfinden	Sentir, perceber, considerar
endgültig	Definitivo, de vez, final
Enge <i>f</i>	Aperto, embaraço
entblößen	Desnudar, revelar
entsprechen	Corresponder
entstehen	Formar-se, resultar, produzir
entweichen	Evadir-se, escapar
Erfahrung <i>f</i>	Experiência
ergeben	Render, produzir
ergrauend	Grisalho
erregen	Exitar; comover, despertar, provocar, causar
erschrocken	Assustado
erträglich	Sufrível, suportável
erwarten	Aguardar, esperar
Erwartung <i>f</i>	Espera, expectativa, esperança
erwidern	Responder, corresponder
fahl	Pálido, descorado
fällen	Derrubar, cotar, abater
falten	Por, colocar, dobrar
fangen	Apanhar, prender
faulenzeln	Preguiçar, não fazer nada, vadiar
fein	Agradável, legal, bom
Fensterbrett <i>n</i>	Parapeito da janela
fest	Sólido, firme
festhaltend	Segurar
feststehen	Estar firme, ser certo
Flachmann <i>m</i>	Garrafa anca, cantil
fliegen	Voar
fliehen	Escapar, fugir
fluchen	Praguejar, esbravejar, xingar
flüstern	Cochichar, sussurrar
folgen	Seguir, resultar
fortziehen	Retirar
fragend	Interrogativo

fraulich	Feminino, próprio de mulher casada
Frechheit <i>f</i>	Atrevimento, impertinência, descaramento
fressen	Comer
fühlen	Sentir-se
führen	Conduzir, levar, guiar
fürchten	Recear, temer
Fütterung <i>f</i>	Alimentação, forro
Gabel <i>f</i>	Garfo
gähnen	Bocejar
Gang <i>m</i>	Corredor, via, passagem
ganz	Completo, inteiro, inteiramente, completamente
gar nicht	De modo algum
Gast <i>m</i>	Convidado, hóspede
gefallen	Agradar
Gegenstand <i>m</i>	Objeto
gegenübersitzen	Estar sentado em frente
Geheimnis <i>n</i>	Segredo, enigma
gehen	Ir
gemeinsam	Comum, coletivo, compartilhado, em conjunto, juntos
genießen	Desfrutar, gozar de, aproveitar, usufruir
Gepäckstück <i>n</i>	Volume, mala
gequält	Atormentado; torturado
geradewegs	Direto
Geschäft <i>n</i>	Negócio; transação; operação
gescheites	Inteligente
Gesellschaft <i>f</i>	Companhia, sociedade
Geste <i>f</i>	Gesto
gewiss	Certo, seguro
Gewitter <i>n</i>	Tempestade
giftgrün	Verde ácido
glänzen	Brilhar, resplandecer, luzir
glatt	Lisa
glätten	Alisar; aplainar; afagar
Glatze <i>f</i>	Careca
Gleis <i>n</i>	Plataforma
gleiten	Deslizar, escorregar, resvalar, pairar
greifen	Agarrar, apanhar, pegar em, estender
grinsen	Rir debochado
Grund <i>m</i>	Solo, terra, razão, motivo
gucken	Olhar

Haaransatz <i>m</i>	Contorno do couro cabeludo
Haarsträhne <i>f</i>	Mecha de cabelos
Haken <i>m</i>	Obstáculo, empecilho, gancho, cabide
Halsschlagader <i>f</i>	Carótida
halten	Manter-se, Pegar, segurar, deter, resistir
halten für	Crer, acreditar, tomar por
Hase <i>m</i>	Coelho
häßlich	Feia
Häßlichkeit <i>f</i>	Feiúra
hastig	Apressado, rápido, agitado
häufig	Frequente
heftig	Violento, impetuoso
Hemd <i>n</i>	Camisa
herausholen	Levar, tirar para fora
herauskommen	Sair, aparecer, descobrir
herausplatzen	Sair
hereinkommen	Entrar
Herkunft <i>f</i>	Ascendência
herunterrutschen	Cair, deslizar, escorregar
hervorbringen	Produzir
hervorziehen	Tirar
hierherbringen	Trazer para cá
hieven	Arrastar, levantar, puxar
hinabbeugen	Para lá e para baixo
hinaussehen	Olhar p fora
hinsetzen	Sentar-se
hinter...hervor	(por) detrás de
hinterher	Depois, a seguir
hinuntersehen	Olhar para baixo
hochschieben	Subir
Hochzeitstermin	Data do casamento
höher	Superior, maior
holen	Buscar, ir procurar
Hosentasche <i>f</i>	Bolso da calça
Hügel <i>m</i>	Colina, morro
immer wieder	Repetidamente
in Verlegenheit bringen	Embaraçar alguém, constranger alguém.
indem	Enquanto, como, quando
innehalten	Parar, deter-se
irren	Errar, estar errado
Jacke <i>f</i>	Jaqueta

Jackentasche <i>f</i>	Bolso da jaqueta
jagen	Caçar
kahl	Calvo
kämmen	Pentear
Kater <i>m</i>	Ressaca
kaum	Mal, dificilmente, quase
Keks <i>m</i>	Bolacha
keuchen	Ofegar, arfar
Kindermädchen <i>n</i>	Babá
kippen	Virar, voltar
klappen	Bater, abrir
Klappsitz	Assento desdobrável
klauen	Roubar, furtar
Kleinlichkeit <i>f</i>	Mesquinhez
klemmen	Prender-se, prensar-se, apertar
klettern	Subir, trepar em
klingen	Soar
klitzeklein	Pequenino
knacken	Quebrar
kneten	Amassar
knochig	Ossudo
Knopf <i>m</i>	Botão
Knorpel <i>m</i>	Cartilagem
knüllen	Amassar
knurren	Resmungar, grunhido
Kopfschmerz <i>m</i>	Dor de cabeça
Körperhaltung <i>f</i>	Atitude, porte
kräftig	Vigoroso, forte, poderoso, massivo
kraschperen	Amassar
kräuseln	Fazer cachos
kremig	Cremoso
kribbeln	Irritar, formigar
krümmen	(en)curvar, torcer, dobrar, arquear
Lächeln <i>n</i>	Sorriso
lachen	Rir
Laden <i>m</i>	Loja
landen	Aterrisar, aportar, chegar, desembarcar
länglich	Oblongo, alongado
Lautsprecher <i>m</i>	Alto-falante
Lautstärke <i>f</i>	Volume alto
lecken sich	Lamber

ledern	De couro
Lehne <i>f</i>	Encosto, apoio
lehnen	Encostar-se, apoiar-se
leichter	Mais à vontade, mais fácil
leiden	Sofrer, penar, sentir, suportar, agüentar
leisten	Permitir
Lid <i>n</i>	Pálpebra
Liebhaber <i>m</i>	Amante
locken	Atrair, chamar
locker	Frouxo; fofo; relaxado; desarticulado
lösen	Resolver
loslassen	Largar, soltar, dar liberdade
lügen	Mentir
Mädchenscheiß <i>m</i>	Suor de garotinha
Mal <i>n</i>	Sinal; marca
meinen	Opinar, achar, julgar, considerar, pensar
melden sich	Apresentar-se, manifestar-se, anunciar-se
merken	Notar, perceber
Miene <i>f</i>	Cara
mitkommen	Acompanhar, vir junto, vir com
mitreißen	Arrastar
mitteilen	Comunicar, informar
möglich	Possível, eventualmente
Mund <i>m</i>	Boca
Muschel <i>f</i>	Concha
nach unten	Para baixo
nach vorn	Para a frente
nachdenken	Pensar, refletir, meditar
nacheinander	Sucessivamente, um atrás do outro
nachgeben	Ceder
Nähe <i>f</i>	Proximidade
Naht <i>f</i>	Costura
Narbe <i>f</i>	Cicatriz
nassen	Molhar, umedecer, transpirar
nebean	Ao lado, junto
nennen	Chamar, mencionar, citar, dar (endereço, preço)
Nichtachtung <i>f</i>	Desrespeito
nicken	Acenar com a cabeça
nun	Então, agora
nutzen	Aproveitar, tirar proveito
patzig	Respondão, insolente, pretensioso, mal-humorado

Pferd <i>n</i>	Cavalo
piepen	Chiar, piar
plaudern	Papear, conversar
plumpsen	Cair pesadamente
pochen	Palpitar
pressen	Apertar, prensar, comprimir
puckern	Pulsar
quatschen	jogar conversa fora, bater papo, fofocar
quellen	Saltar, brotar, nascer, inchar
quetschen	Esmagar, pisar, comprimir, apertar, pressionar
Raum <i>m</i>	Espaço, lugar
raus	Para fora
Regie <i>f</i>	Direção
reif	Maduro
Reise <i>f</i>	Viagem
Reisebekanntschaft <i>f</i>	Relacionamento de viagem
reißen	Tirar, arrancar
rekeln	Espreguiçar-se,
rennen	Correr
Richtung <i>f</i>	Direção
riechen	Cheirar
riechend	Cheirando, odoroso, cheiroso
Rolle <i>f</i>	Roda
rollen	Rodar, rolar, correr
Ruck <i>m</i>	Empurrão, golpe
Ruf <i>m</i>	Fama, reputação
rufen	Chamar, exclamar
rund	Redondo, circular
rutschen	Desligar, escorregar
saftig	Suculento
Salon <i>m</i>	Sala
Schamhügel <i>m</i>	Colina pública
Schaum <i>m</i>	Espuma
scheinen	Parecer, brilhar
Scheingebaren <i>n</i>	Dissimulação
Schenkel <i>m</i>	Coxa
schieben	Empurrar, rodar, rolar
Schiebetür <i>f</i>	Porta de correr
Schienbein <i>n</i>	Canela
Schild <i>n</i>	Placa
schimmern	Brilhar, cintilar, vislumbrar

schlecht	Ruim, mal
schließlich	Final, enfim, finalmente, por fim
Schloss <i>n</i>	Cadeado, fechadura, fecho
Schluck <i>m</i>	Gole
schlucken	Engolir
schmal	Estreito
schmieren	Barrar, untar
schminken	Maquiar-se
schnappen	Respirar com dificuldade, ofegar
Schoß <i>m</i>	Colo, seio
schreiben	Escrever
Schubs <i>m</i>	Empurrão
schüchtern	Tímido
Schulter <i>f</i>	Ombro
schütteln	Abanar, sacudir, balançar
schweigen	Calar-se
schwinden	Cair
Schwung <i>f</i>	Impulso, ímpeto
segeln	Velejar
Seidenslip <i>m</i>	Calcinha de seda
seitlich	Lateral, de lado
seitwärts	De lado, para o lado
selbstverständlich	Evidentemente
Selbstzweifel <i>m</i>	Autocrítica
semeln	Acumular, concentrar
senken	Abaixar, inclinar-se
Seufzer <i>m</i>	Suspiro, gemido
sicher	Com certeza
Sicht <i>f</i>	Visão, vista
sinken	Baixar, descer, abaixar-se
so	De tal modo, de tal maneira, assim,
sobald	Assim que, logo que
Socke <i>f</i>	Meia
solch	Tal, tão, tanto; semelhante
sonderbar	Estranho, esquisito
sondern	Mas sim
sorgen_für	Cuidar de....
soweit	Tanto quanto
Spalt <i>m</i>	Fenda, abertura
sparen	Poupar, economizar, reservar, guardar
Speisewagen <i>m</i>	Vagão-restaurante

Spiegel <i>m</i>	Espelho
Spott <i>m</i>	Escárnio, deboche, sarcasmo
Spucke <i>f</i>	Cuspe, saliva
spüren	Sentir, pressentir,
standhalten	Aguentar, seguir firme
starren	encarar, não tirar os olhos de
statt	Em lugar de , em vez de
stellen	Colocar, dispor
stellen Frage	Fazer pergunta
stemmen	Fincar, levantar, desencostar
sterben	Morrer, falecer
Steuer <i>f</i>	Imposto
Stift <i>m</i>	Ponta; agulheta; cavilha; lápis
Stimme <i>f</i>	Voz
stocken	Parada, vacilo
stolz	Orgulhoso
stopfen	Meter, por, colocar
stoßen	Foder, transar
stottern	Gaguejar, balbuciar
streicheln	Acariciar, afagar
Strich <i>m</i>	Fio
Strümpf <i>m</i>	Meia
stürzen sich	Expor-se
taktvoll	Discreto, delicado
Taschentuch <i>n</i>	Lenço de papel
tasten	Apalpar, tocar
taub	Surda, sem som
teilen	Partilhar, compartilhar
tief	Fundo, baixo, profundo, intenso
tiefer	Profundamente, fortemente, intenso
Torte	Torta
Tortenfresserin <i>f</i>	Comilã de bolo, torta
tragen	Vestir, usar
trauen	Confiar, acreditar, atrever-se ousar, ter coragem
Treffen <i>n</i>	Encontro
trocken	Seco
trotzdem	Contudo, entretanto, no entanto
Türrahmen <i>m</i>	Caixilho da porta, batente
Tusche <i>f</i>	Tinta de aquarela
überfordert	Cobrado demais, exigido

überlegen	Considerar, pensar, refletir, ponderar, superior, ativo
übernehmen Verantwortung	Assumir responsabilidade
um	Ao redor, em volta, em torno, nos arredores
umdrehen	Virar-se
Umgebung <i>f</i>	Companhia
umschließen	Cercar, abarcar, incluir
umsehen	Olhar em volta, virar a cabeça, olhar para trás
unangenehm	Desagradável
unbehagen	Mal-estar, desconforto
unersättlich	Insaciável
unerträglich	Insuportável
unförmig	Disforme
ungefähr	Aproximativo, cerca de
ungewollt	Involuntário
unmöglich	Insuportável, inviável
Unruhe <i>f</i>	Agitação, desassossego
unsachlich	Impertinente
unschlüssig	Irresoluto, indeciso
unschuldig	Inocente
unsympathisch	Antipático
Unterhaltung <i>f</i>	Conversa, divertimento
Unterschied <i>m</i>	Diferença
unwillkürlich	Involuntário, sem querer
verabreden	Marcar encontro, combinar encontro (reflexivo)
verändern sich	Mudar
verbieten	Proibir, vetar, interditar
Verbrauch <i>m</i>	Consumo (de dinheiro); desgaste
verengen	Apertar, estreitar, constringir, contrair-se
verfärben	Mudar de cor, descorar
verfolgen	Exercer, perseguir
verführen	Seduzir
vergessen	Esquecer
vergewisseren (sich)	Certificar-se
vergnügen	Alegrar-se, divertir-se
verhindern	Impedir, evitar
verklemmt	Entalada
verlangen	Exigir
verlassen	Deixar, abandonar, partir.
verlieren	Perder
vermutlich	Provável

Vernichtung <i>f</i>	Aniquilamento, extermínio
verraten	Deixar escapar, revelar, ser desleal, ser infiel, trair
verschieden	Diferente
verschlagen die Sprache	Perder a fala, ficar sem fala
verschmieren	Borrar
verschwinden	Sumir, desaparecer
Versehen <i>n</i>	Descuido, lapso, engano, equívoco, sem querer
versehentlich	Por engano
versenken	Atolar, afundar, meter ao fundo
verspüren	Sentir
Versteinerung <i>f</i>	Petrificação, fossilização
vertreiben	Vender, expulsar, dissipar, banir, dispensar
Verwirrung <i>f</i>	Confusão, perturbação, incômodo
verwöhnen	Mimar
Verzehr <i>m</i>	Consumo (de comer)
verzehren	Consumir, comer
verzinsen	Pagar juro
vögeln	Transar, trepar
voll	Cheio, completo, inteiro
vollbringen	Realizar
von vorn	De frente; de topo; de novo
vor allem	Antes de mais nada, sobretudo
vorbeidrängen	Empurrar (junto de)
vorbeikommen	Passar
vorbeiziehen	Passar
vorbeugen	Debruçar-se, inclinar-se para a frente, suspirar, gemer
vorhaben	Ter a intenção, pretender, ter em mente
vorhin	Há pouco
vornehm	Distinto, nobre
Vorsprung <i>f</i>	Parapeito
vorstellen	Imaginar
Vorstellung <i>f</i>	Ideia, apresentação, noção
Vorwand <i>m</i>	Pretexto
vorwärts	Avante, para frente
Vorwurf <i>m</i>	Censura, repreensão
vorziehen	Tirar, correr, preferir
wagen	Ousar, atrever
während	Durante, enquanto, ao passo que
wahrnehmen	Perceber, distinguir, notar; aproveitar; defender
wahrscheinlich	Provável
wandern	Passear, andar, caminhar

Wange <i>f</i>	Face, bochecha
Waschpulver <i>n</i>	Sabão em pó
weder... noch...	Nem... nem
Weile <i>f</i>	Algum tempo, momento
weinen	Chorar
weinerlich	Lacrimoso, banhado em lágrimas, choroso, lamentável
weit	Longo, longe, largo
weiter Weg	Muito distante, longe demais
widerwärtig	Adverso; repugnante; antipático
Wiese <i>f</i>	Pastagem, prado, pasto
winken	Acenar
wissen	Saber
wobei	Pelo qual, em que, como, por que, no qual
würdigen	Apreciar, julgar digno
würgen	Sufocar, estrangular
wütend	Furioso, irado
zart	Suave, doce, delicado
zeugen	Testemunhar, depor, procriar, gerar
Zeugung <i>f</i>	Geração; procriação
ziehen sich zusammen...	Contrair
zischen	Sibilar, chiar, silvar
zögern	Hesitar, vacilar
zudrehen	Virar
zugehen	Fechar
zumachen	Fechar, abotoar
zumindest	Pelo menos
Zunge <i>f</i>	Língua
zurechtsetzen	Endireitar
zurückhalten	Impedir, reter, segurar-se
zurückkehren	Regressar, voltar, retornar
zusammenreißen	Apanhar, apumar-se; fazer um grande esforço
zusammenziehen	Contrair, encolher
zuschlagen	Fechar com estrondo, violência
zusetzen	Acrescentar; perder, importunar
zutexten	Taguarelar
Zwang <i>m</i>	Obrigaçãõ; pressãõ
zwängen	Abrir caminho pelo, enfiar-se
zwar	Na verdade
zwingen	Obrigar